

ímpeto

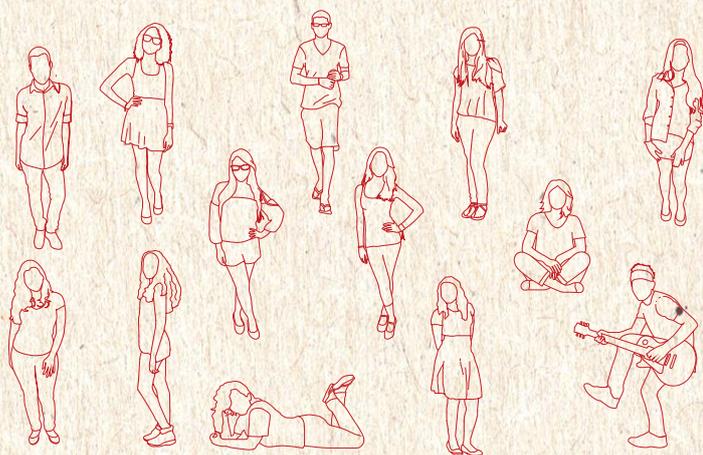
ÍMPETO | REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO

Nº 5



9 771983 617036





Memória guardada dentro de uma porta. ali, na metade do corredor da FAU.

Essa porta nunca se aquietta, é sempre visitada: as pessoas não sabem direito o porquê mas batem nela quando precisam de algo. Porta que testemunha todas as chegadas - sempre um novo ânimo para o grupo - e partidas - quase sempre saudade.

Dentro dela, um espaço que guarda. Guarda muitos papéis, livros, armários que trocam ocasionalmente de dono, cadeiras em constante dança, testemunhas do cotidiano.

Sobretudo nos guarda. O refúgio: lugar para explodir, dar risada, trabalhar em silêncio. Naquela sala cada um encontra o seu canto: sua cadeira, seu armário. Ao entrar no PET ganha-se pelo menos 12 companheiros e opta-se por dividir o tempo por 12.

Também por 12 se divide o risco. As atividades sempre com ar de tentativa, de aprendizado. A autonomia da escolha: aqui tudo se pode propor, tudo se pode realizar. O nome Ímpeto não foi uma escolha aleatória...

É um trabalho arriscado esse de explorar possibilidades. Arriscado e muitas vezes incompreendido. É difícil mesmo entender um grupo que se propõe a materializar uma filosofia que atualmente parece antiquada: a filosofia da partilha, do convívio. Partilha de uma sala, do tempo, dos riscos, do aprendizado.

Às vezes nem essas 13 pessoas sabem direito o que isso significa. Mas se sentem parte de algo. Parte de um grupo que nunca se esgota e da construção de uma memória que se expande.

É justamente a memória que mantém um petiano petiano. É a sensação que se desperta ao saber que outros também percorreram aquele espaço, partilharam as cadeiras e as experiências.

A Ímpeto, enquanto fruto de uma coletividade, produção do PET, é mais um desses elos que conectam os petianos que são e que foram petianos. Aquilo que permanece, que continua, constantemente (re)apropriado.

CAPA | Ana Luiza Mendonça
Graduanda FAU-UFAL

Acredito que ser é sempre uma mistura do que se é e do que se quer ser. Mas dentre as coisas que sempre fui, uma é ser uma amante das artes, que venera de sonatas de Beethoven a desenhos de cabarés de Toulouse-Lautrec, de vitrais góticos iluminados pelo sol a curvas de Niemeyer. Nietzsche dizia que sem música a vida seria um erro, mas de uma forma mais abrangente, eu penso que sem a arte, o amor e o sonho, o mundo inteiro seria um erro. E assim, ao longo dos anos venho tentando me expressar sobre mim e o mundo e colecionando pastéis, aquarelas, lápis, pincéis e programas de computador.

O CONCEITO

O espaço é ora habitado, ora desabitado, ora fragmentado, ora contínuo. É espaço de gente de todo jeito. É espaço de "lugar-nenhum" e de "lugar-tudo". É espaço que ora se expande, ora se retrai, é lógico e ilógico ao mesmo tempo, é natural e antinatural. É produto do cotidiano e também da charrete que um dia passou deixando rastros, dos pés que pisam, dos carros, das árvores e da vontade do homem de criar uma lógica, uma ordem. O espaço habitado é dinâmico.

Considerando-o, tal como descrito no parágrafo anterior, buscou-se representar sua dinamicidade através das convergências e divergências das linhas, dos cheios e vazios, das diferentes cores e da sensação de expansão do desenho. De modo desconstruído, a forma faz alusão à cidade de Maceió.

analuzacavalcanti@hotmail.com
https://www.facebook.com/analuzamendonca.35/media_set?se-t=a.952962021410846.1073741847.100000911712728&type=3

editorial

Essa edição da Revista Ímpeto é da FAU. O próprio tema corresponde ao nome de batismo de um de seus cursos de pós-graduação. Foi pensada para dar oportunidade a nossa escola de registrar o que ela pensa enquanto formadora de arquitetos e de pessoas que habitam a cidade. Através da divulgação de ideias motivadas por atividades disciplinares e por experiências fora do ambiente acadêmico, alunos e professores compartilham aqui suas impressões acerca das "Dinâmicas do Espaço Habitado".

Os artigos aproximam, pois, níveis de produção de conhecimento e, especialmente, suscitam discussões relativas à percepção do ambiente construído e às formas de concebê-lo, seja através das normas técnicas já estratificadas, seja através do corpo de quem projeta. Com isso, noções de arquitetura e cidade podem ser ampliadas, passando a ser compreendidas como espaços aprendidos pelos sentidos e, ao mesmo tempo, resultados desses. Nessa perspectiva, pode-se entender que é possível habitar o espaço através de uma fotografia e de uma tela digital, tanto quanto de uma praça ou um prédio...

Um agradecimento especial aos autores convidados e aos professores que compuseram o Corpo Editorial dessa edição da Ímpeto, os quais em muito contribuíram para o refinamento de sua proposta de discussão.

Roseline Oliveira
Tutora do PET Arquitetura

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor
Eurico de Barros Lobo Filho

Vice-reitora
Rachel Rocha de Almeida Barros

Diretor da Edufal
Maria Stela Torres Barros Lameiras

Conselho Editorial da Edufal
Maria Stela T. B. Lameiras (Presidente)
Fernanda Lins de Lima (Secretária)
Anderson Alencar Menezes
Bruno César Cavalcanti
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho
Eurico Eduardo Pinto de Lemos
Fernando Antonio G. de Andrade
Fernando Silvio Cavalcante Pimentel
Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Janaina Xisto de Barros Lima
José Ivamilson da Silva Barbalho

Coordenadora Editorial
Fernanda Lins

Conselho Editorial da Revista Ímpeto
Alexandre Márcio Toledo
Anna Maria Vieira Soares Filha
Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Gianna Melo Barbirato
Leonardo Salazar Bittencourt
Lúcia Tone Ferreira Hidaka
Manuella Marianna C. R. de Andrade
Roseline Vanessa Santos Oliveira
Veronica Robalinho Cavalcanti

Revisão
Roseline Vanessa Santos Oliveira
Maya Neves de Moura Araújo

Diagramação
Alexandra Jane de Carvalho Freitas
Paula Duque Rangel
Vinicius Silva Nascimento

Coordenação da Revista Ímpeto
Alexandra Jane de Carvalho Freitas
Paula Duque Rangel
Vinicius Silva Nascimento

Capa
Ana Luiza Cavalcanti Mendonça

Catálogo na fonte da Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central - Divisão de Tratamento Técnico Bibliotecário
Responsável: Helena Cristina P. do Vale

Contatos
Site: www.petarqufaluiix.com/petara
Email: petarqufal@gmail.com

Direitos desta edição reservados à Edufal

Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n
Centro de Interesse Comunitário - CIC
Campus A. C. Simões - Cidade Universitária
CEP: 57072-970
Maceió - AL, Brasil
Fone: (82) 3214-1111
Email: edufal@edufal.com.br
Site: www.edufal.com.br

Editora Afiliada:



Realização:



Ímpeto: Arquitetura e Urbanismo/ Universidade Federal de Alagoas - UFAL - ano 6, n. 5 (outubro de 2015), -- Maceió, AL: FAU/UFAL 2015.

48p : il.

Bianual

ISSN: 1983-6171

1. Arquitetura. 2. Urbanismo. 3. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL.

CDU: 711.4(01)5



SUMÁRIO

ESPECIAL

06
HABITAR O ESPAÇO, PRODUIR COM AS MÃOS:
experiências em dinâmicas do espaço habitado na FAU/UFAL
Maria Angélica da Silva



12 TEMÁTICA
"GREENWASHING" E MERCADO IMOBILIÁRIO
Dilson Batista Ferreira

16 POR UMA ARQUITETURA ENQUANTO VERBO
Juliana Michiello Macedo Dias

21 ARQUITETURA E URBANISMO PARA A PAZ:
Contribuição para a sociabilidade e a convivência
Débora Cavalcanti

GRADUANDOS

26 **A CIDADE NA IMAGEM:**
O percurso da Vila de São Francisco-AL, atual cidade de Penedo,
no acervo iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem
Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro

30 **MERCADO DA LEVADA:**
Tradição e Lugar de um Espaço Público Renegado
Alexandra Jane de Carvalho Freitas | Luiz Gustavo Oliveira da Silva | Vinicius Silva Nascimento

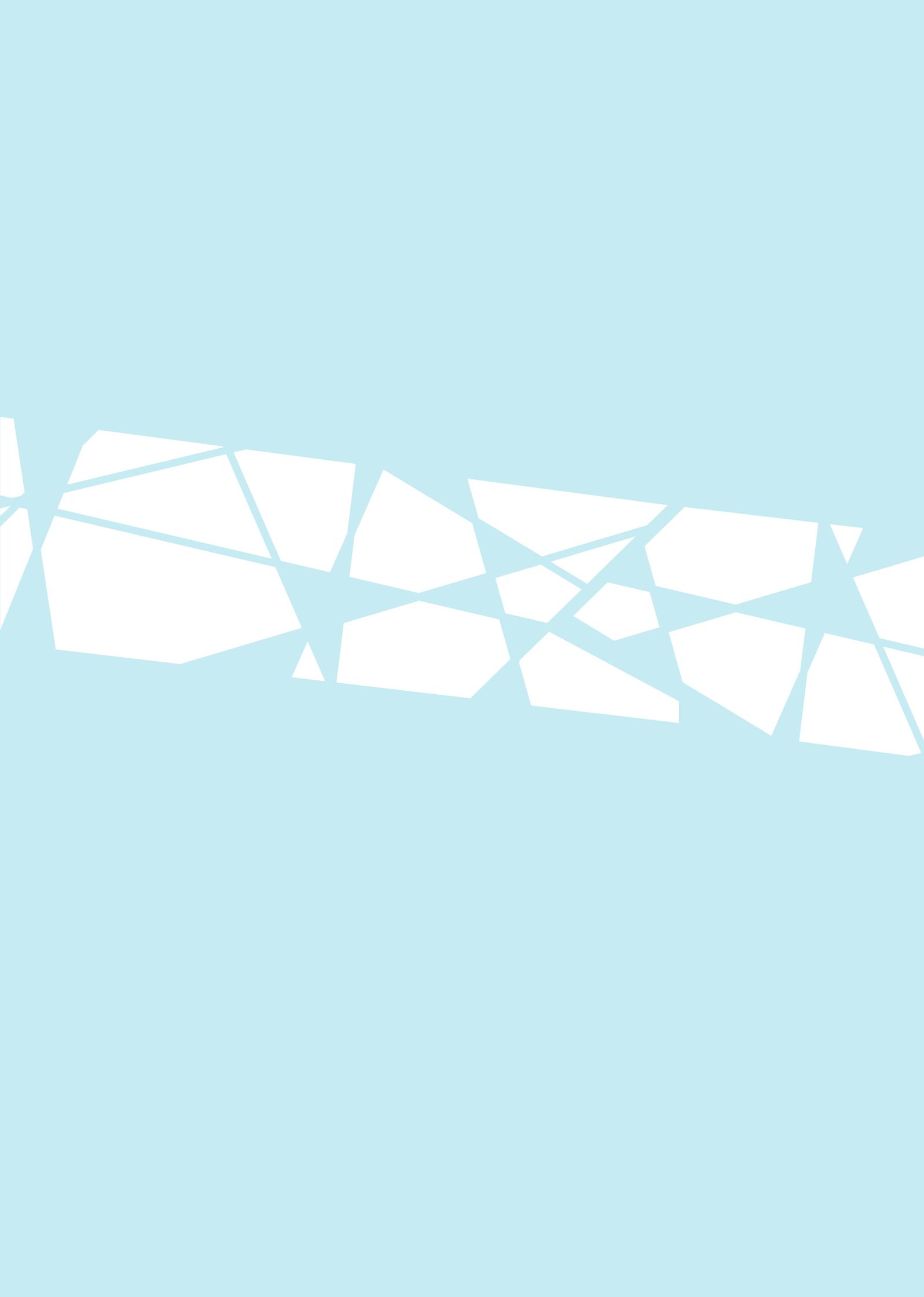
35 **DAS MEMÓRIAS À UTOPIA:**
Uma breve história da Praça da Faculdade
Carla Valéria Lima da Silva | Fernanda Bruna dos Anjos Melo | Juliana Oliveira de Almeida Carlos |
Maria Luísa de Carvalho Viégas Machado | Priscyla Porto Cavalcanti

39 **PARQUE MUNICIPAL DE MACEIÓ:**
A poética do espaço
Carla Valéria Lima da Silva | Gabriela Vasconcelos Cavalcante Pessoa
Maria Luísa de Carvalho Viégas Machado | Vinicius Godoy de Melo



THE LONGEST JOURNEY:
Resenha crítica arquitetônica
Daniel Albert de Araújo Barros

44 **RESENHA**



ESPECIAL



DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO:

A arquitetura e o urbanismo, em geral, constroem o ângulo reto.

O espaço habitado desenha a curva: barriga de mãe, caverna, abraço.

(...) Os projetos de arquitetura e urbanismo podem ser resolvidos nos programas de computador.

O espaço habitado demanda pessoas,

A arquitetura e o urbanismo constroem.

O espaço habitado está atento ao gesto.

Arquitetura, urbanismo, design e o espaço habitado podem convergir e discutir suas dinâmicas.*

MARIA ANGÉLICA DA SILVA

Prof. Dra. FAU/UFAL, bolsista de produtividade do CNPq,
Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem
mas.ufal@gmail.com

HABITAR O ESPAÇO. PRODUZIR COM AS MÃOS: EXPERIÊNCIAS EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO NA FAU/UFAL

*SILVA, Maria Angélica. 2014

Entre as inúmeras significações que a arquitetura pode ter, ela pode ser comparada ao ato de se dar uma pausa. Na escala do território e da cidade, a resolução de se construir um bairro, uma cidade ou um acampamento, significa uma parada. E ali edificar a pausa. Nos belos relatos de Guimarães Rosa ou de Graciliano Ramos, o homem do sertão, um dia resolve parar. Escolhe o lugar, constrói sua morada e de sua família. Uma pausa.

Esta pausa edificada significava em geral, a escolha do durável para que a casa ou a cidade permanecesse, vingasse a morte e estabelecesse um prazo de existência que superasse a passagem das gerações.

Para ficar no contexto do que nos é mais próximo, a arquitetura e o urbanismo modernos selaram um outro pacto com a escrita do espaço. A busca não mais por construir barreiras duradouras mas limites suaves. O que está fora e o que está dentro conversam. A pele da arquitetura pode ser fina, transparente, convidando a paisagem a tornar-se casa.

Para hoje, há o desafio posto pelo que é chamado, entre vários outros nomes, modernidade líquida, ou seja, uma condição humana e social onde conceitos, hábitos, valores e posturas são cambiantes. Não fixa o espaço nem prende o tempo (BAUMAN, 2001, p.8).

Uma tendência da arquitetura se fez com o mesmo nome, indiferente a uma equação que iguala forma e função, atenta à percepção humana e entendendo que o diálogo com a cidade não precisa atender apenas ao quesito da harmonia. Uma arquitetura com movimento.

Se tivéssemos num palco ou numa tenda para presenciar o combate entre o Tempo e o Espaço, hoje venceria o Tempo. Pois podemos estar em vários lugares, e o mais apto a viver melhor seria hoje, supostamente, o mais rápido ou mais aberto à mobilidade.

Figura 1: Arquitetura Líquida:
Projeto Httuu Expo - NOX.
Fonte: <http://www.nox-art-architecture.com/>





“O jogo da dominação na era da modernidade líquida não é mais jogado entre o ‘maior’ e o ‘menor’, mas entre o mais rápido e o mais lento. Dominam os que são capazes de acelerar além da velocidade de seus opositores” (BAUMAN, 2001, p. 214-215)

Há cerca de doze anos a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL buscava caminhos outros para desenhar o perfil da sua pós-graduação, o que significou repensar a própria graduação. Falou-se em “dinâmicas do espaço habitado”. As dinâmicas alertariam que a parada, a pausa arquitetônica e urbanística seria apenas um intervalo entre movimentos. Se entendemos que cidades, arquiteturas, roupas e paisagens significam não a parede, o tecido, a placa que diz “bem-vindo”, mas são inexoravelmente vinculadas a pessoas - que com seus corpos, se movimentam, pensam, sentem, transformam, se vingam do que lhes oprime e lhes impede a mudança - então arquitetura e urbanismo estão atentos às dinâmicas do espaço habitado.

O que é habitar? Estar dentro, abrigar-se como um caracol? Ou é o rastro do lento molusco, meio asqueroso, brilhando sob o sol?

Se fôssemos olhar a origem das palavras, “habitar” ela estaria bem próximo de “habitual” e se ligaria ao ato da parada, da pausa, do construir.

“Construir significa originalmente habitar.(...) A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual somos homens sobre essa terra é o Buan, o habitar. Ser homem diz: ser como um mortal sobre essa terra. Diz: habitar” (HEIDEGGER, 2006, p.127).

Para o autor, “habitar constitui o ser do homem” (HEIDEGGER, 2006, p.128). E sempre, o habitar estaria vinculado não apenas à terra, mas ao cosmos, participando de uma construção muito mais ampla, onde não falta lugar para as estrelas.

Os mortais habitam à medida que salvam a terra (...). Salvar não diz apenas erradicar um perigo. Significa, na verdade; deixar alguma coisa livre em seu próprio vigor. Salvar a terra é mais do que explorá-la ou esgotá-la. Salvar a terra não é assenhorar-se da terra e nem tampouco submeter-se à terra, o que constitui um passo quase imediato para a exploração ilimitada. Os mortais habitam à medida que acolhem o céu como céu. Habitam quando permitem ao sol e à lua a sua peregrinação, às estrelas a sua via, às estações dos anos as suas bênçãos e seu rigor, sem fazer da noite dia e nem do dia uma agitação açulada. (HEIDEGGER, 2006, p.130).

Fazendo a volta, quando a arquitetura, o urbanismo e o mundo objetual do design são vistos como construtores de ferramentas, extensões, próteses, alargamentos do corpo individual e social, estas expressões do atuar com o espaço podem estar mais atentas ao que os corpos emanam e pedem.

Um retorno das mãos, dos cheiros, das texturas, da rugosidade. Mesmo em um mundo como o atual, de telas e de olhares fixo a imagens, os dedos tiveram que aprender vários tipos de toque, bem finos, para conseguir o diálogo deslizante, por exemplo, com a superfície de um celular. Buscando a manufatura, o corpo está presente. E também todas as possibilidades de produzir coisas. Escrever, colar, imprimir expressões de vivências prévias no espaço em várias superfícies: os diários de bordo.

Figuras 2 e 3: Diários de bordo produzidos por alunos de várias turmas da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

Fonte: Maria Angélica da Silva.

Figuras 4 e 5: Desenhos de corpo elaborados por alunos da disciplina Projeto de Arquitetura I, 2011.
Fonte: Maria Angélica da Silva

Figuras de 6 a 12: Construindo roupas - atividade da disciplina Projeto de Arquitetura I, 2013.
Fonte: Maria Angélica da Silva

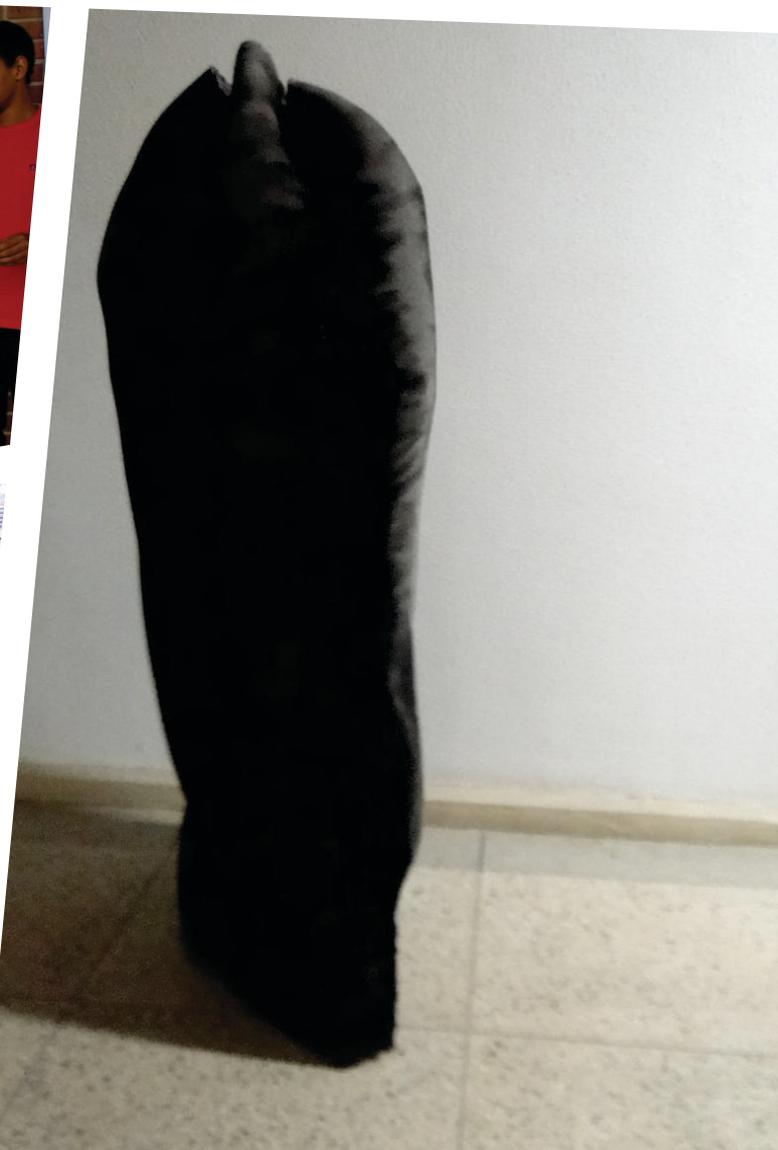
Observar a arquitetura, o urbanismo, a paisagem e o design na escala do universo, não apenas significa um movimento de expansão, mas também de recolhimento. Olharmos a nós mesmos como seres do planeta. Nos vemos corpóreos.

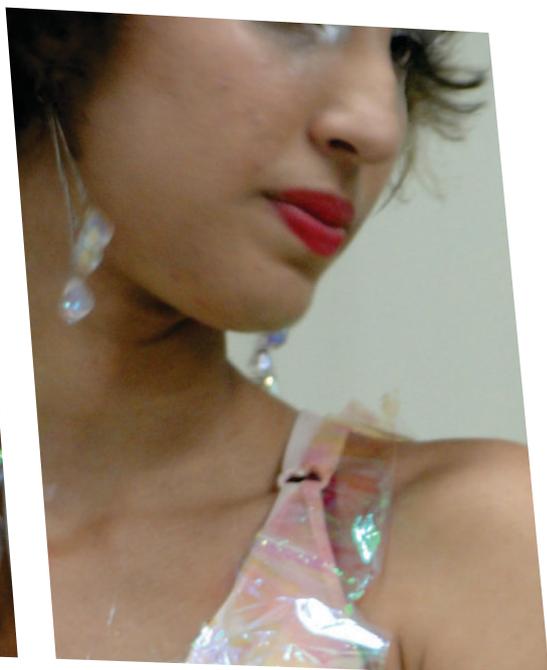
Ver-se como corpo demanda aprendizado. Há um corpo social, que compartilhamos com outros, nos nossos hábitos, gestos. Há um corpo individual que é preciso conhecer.

A bíblia fala da expulsão do Paraíso. E a descoberta, quase simultânea, da nudez.

A roupa pode ser vista como o primeiro abrigo, a primeira arquitetura.

E o primeiro gesto para se instruir sobre o espaço habitado é ver-se como corpo. Construir uma roupa.





E se a arquitetura e a cidade se movem, pode haver um convite para uma dança. Para que o outro movimente o corpo de um novo jeito. E se surpreenda com isso.

Num destes bailados, a arquitetura, o design e a cidade podem ser constituídos de uma dimensão de cotidiano que promova ocupações ou intervenções.

Insurgências, buscar modificar o que está posto. E pensar o saber da arquitetura, a pesquisa e a construção do conhecimento como gestos que demandam disciplina, mas também a consciência da imprevisibilidade que até mesmo a pausa, mas certamente todo o movimento, anuncia.

Figuras 13 e 14: Construindo espaços habitáveis: instalação sob inspiração de moradores de rua, disciplina Projeto de Arquitetura I, 2010; intervenção na Pajuçara, Atelier Cidades, 2014.
Fonte: Maria Angélica da Silva





Figura 15: Cena do filme Pina
Fonte:
https://ella.files.wordpress.com/2011/04/wim_wenders_pina.jpg

Pina Bausch, coreógrafa e dançarina, desenvolveu, em 1978, uma metodologia de criação de suas peças baseada em perguntas feitas aos bailarinos que poderiam ser respondidas com sequências de movimentos, verbalmente ou a partir de uma ideia que se desenvolvia no momento em que a resposta estava sendo apresentada. A partir das respostas, a dramaturgia de suas criações ia se formando (SILVEIRA & MUNIZ, 2014, p.50). Wim Wenders, em homenagem, coloca os bailarinos da companhia de Pina a dançar na casa, nas águas, na pedra, com os animais do zoológico.

Considerar a arquitetura através do corpo, não apenas ergométrico, mas que se diferencia, que se move inusitadamente, que tem pulsões, prazer e sofrimento, abre grandes janelas para a criação. Promover que a pedra cante e que o jardim se geometrize. Que o pallet vire quadro de anúncio e a cadeira, gangorra. Se nos observarmos, veremos que nosso próprio corpo ensina que tudo se une: mente, espírito, carne.

Corpo ofegante e em lentidão. Corpo que habita, mas que, ao final, cria o espaço habitado.

O corpo, coisa mental, é a carne e seu entorno, a natureza e as coisas criadas, a voz humana e os movimentos mais inimagináveis. O corpo é o insignificante sujeito cuja existência se sustenta e faz sentido na medida em que se une a outros corpos em infundáveis pas-de-deux, desenhando e desfazendo figuras de bichos e coisas que não existem e que, por isso mesmo, nós brincamos de fazer existir. (KEHL in BOGÊA, 2001, p.51)

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRITTO, Fabiana Dultra & JACQUES, Paola Berenstein (org). *Corpocidade*. Salvador: UFBA, 2010.
- BOGÊA, Inês (org). *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *A Thousand Plateaus*. Londres & Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes & Editora Universitária São Francisco, 2006.
- SILVEIRA, Juliana Carvalho Franco da & MUNIZ, Mariana Lima. "Pesquisa de campo no Tanztheater Wuppertal Pina Bausch: a construção dramatúrgica das peças" in *Repertório*, (revista eletrônica), Salvador: UFBA, n° 22, 2014.

TEMÀTICA



**CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E
ADEQUAÇÃO DO ESPAÇO HABITADO:**

Compreende o estudo dos vários processos de produção do espaço construído assim como dos arcabouços conceituais, formais e tecnológicos que dão suporte ao desenvolvimento de projetos de conformação de espaços arquitetônicos, paisagísticos e urbanísticos destinados às atividades humanas.*

DILSON BATISTA FERREIRA

Arquiteto Urbanista,
Professor Doutor, FAU/UFAL
dilson.ferreira@fau.ufal.br

*Apresentação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFAL. Disponível em: http://www.ufal.edu.br/unidad_eacademica/fau/pos-graduacao/mestrado-em-dinamicas-do-espaco-habitado/proposta-do-programa

“GREENWASHING” E MERCADO IMOBILIÁRIO

I. URBANISMO “GREENWASHING” E EMPREENDIMENTOS “SATÉLITES”

O setor da construção civil vem ocupando lugar de destaque na economia brasileira ao longo dos últimos seis anos. De 2007 a 2013 o PIB do setor duplicou saltando de R\$ 62,6 bilhões para R\$ 121,1 bilhões de reais gerando 900 mil empregos no período (SindusCon-SP/IBRE-FGV, 2015, p. 07). Neste cenário, 78% do PIB do setor foram destinados aos segmentos da infraestrutura (36%) e edificações (42%), sendo o Nordeste e Sudeste, as regiões campeãs de crescimento, correspondendo a 18,8% e 52,3% do PIB do setor.

Considerando o biênio 2012/2013 no segmento de serviços para a construção civil, a alta registrada pelo setor de incorporação de imóveis foi de 15,2% a.a. Já os serviços de engenharia e arquitetura foram de 10,0% a.a. Este crescimento do acesso a terrenos incorporados representou grande processo de transformação urbana em algumas regiões. Segundo dados da Global “House Index Price” em 2012/2013, estudos demonstraram que os imóveis no Brasil valorizaram em média 15,2% a.a. Ficamos atrás apenas de Hong Kong e Ásia, caindo para 5,87% a.a. até Junho de 2015 (SindusCon-SP/IBRE-FGV, p. 02 2015). Todo este “Boom” foi motivado pela estabilização da economia brasileira, redução das taxas de juros nos últimos anos, acesso da população ao crédito imobiliário e ao Programa Habitacional “Minha Casa Minha Vida”, bem como, pelo “Programa de Aceleração do Crescimento” (PAC). A força que impulsionou este mercado fez crescer a procura por terrenos para implantação de todo tipo de empreendimento, incluindo grandes complexos de uso misto. O problema é que muitos destes complexos necessitam de grandes áreas que geralmente estão em regiões de

sensibilidade ambiental e o processo de licenciamento destes demandam estudos específicos. Além disto, os órgãos competentes não estão devidamente preparados para atender essa demanda imobiliária.

A maior criticidade dos órgãos públicos para liberação de licenças destes empreendimentos, a necessidade de internacionalização e a atualização tecnológica impulsionou as construtoras e o mercado imobiliário a buscar novos conceitos, tecnologias e ações voltadas à gestão, implementando: (1) usos de plataformas computacionais mais rápidas e eficientes na elaboração de projetos e gestão de obras; (2) qualificação da mão de obra com treinamento e melhorias salariais; (3) diferencial competitivo com estratégias ambientais como forma de destacar-se no mercado cada dia mais exigente e internacionalizado; (4) associações e parcerias com fundos de investimentos estrangeiros, adequando o setor as tendências internacionais de certificação ambiental, segurança do trabalho e responsabilidade social; (5) redução de custos de construção e operação para empreendimentos em larga escala; (6) adequações de ordem normativa e legal para desonerações fiscais e busca de financiamentos, e por fim, (7) criação do CBCS - Conselho Brasileiro para Construção Sustentável e do Conselho “Green Building Brasil” em 2007 (SindusCon-SP/IBRE-FGV, 2015, p. 06). Neste sentido, a opção para a maioria das empresas do setor almejar estes objetivos, foi adotar sistemas de certificação internacionalmente reconhecidos nas áreas de: (i) Gestão: Qualidade (ISO 9000, 9001); (ii) Ambiental (ISO 14000, 14001); (iii) Saúde e

Segurança: (OHSAS 18000, 18001); (iv) Responsabilidade Social: (AS 8000) e adoção de práticas de sustentabilidade da construção e (v) Eficiência energética e ambiental: Sistema LEED (Leadership in Energy and Environmental Design); Sistema AQUA - Alta Qualidade Ambiental e Certificação PROCEL.

Estas certificações geralmente apresentam uma série de critérios e padronizações técnicas, energéticas e ambientais na construção, operação, uso e manutenção dos empreendimentos. As implantações destes selos nestes novos empreendimentos geraram razoável diferencial competitivo no mercado. No entanto, a euforia de uma arquitetura e urbanismo supostamente "sustentável" vem levando a ser repensado o espaço habitado de forma muito rápida, com soluções padronizadas, sem análises interdisciplinares, ditadas apenas pelos critérios das certificações e por diretrizes mercadológicas. Surgem, assim, grandes "Masterplans", que extrapolam os limites dos lotes e são configurados agora por complexos mistos de empreendimentos, tendo como "Hub" os shoppings e centros comerciais e corporativos atuando como satélites para a expansão imobiliária. São empreendimentos "âncoras" que atuam como vetores mudando e mercantilizando regiões ou bairros inteiros com apoio privado e público. Não é por acaso que há no país uma proliferação de shoppings, grandes edifícios corporativos e grandes condomínios fechados, em detrimento de mais praças, parques e áreas públicas. Para o Estado e Município geram renda, emprego e somas significativas de impostos, além de valorizar

o entorno para outros negócios milionários.

Esse modelo urbano privatizado, apesar de necessitar de infraestrutura, não gera ônus para o erário público com manutenção, fiscalização e segurança pública. Desta forma, potenciais áreas com vocação pública ou ambiental acabam dando espaço a estes empreendimentos privados. São "Hubs" geradores de tráfego e de alta densidade urbana. Um exemplo deste fenômeno refere-se à evolução da construção de shoppings centers no Brasil. Segundo a ABRASCE (2015), em 2006 o país possuía 351 shoppings, com tráfego de 203 milhões de usuários (visitas/mês) faturando R\$ 50 bilhões de reais/ano. Esse modelo se intensificou nos últimos oito anos e em 2014 estes números saltaram para 520 shoppings, com tráfego de 431 milhões de usuários/mês (ou seja, é como se cada brasileiro fosse ao shopping duas vezes ao mês), faturando R\$ 142,3 bilhões de reais/ano gerando 978.963 empregos diretos e indiretos. A estimativa para 2015 é de 527 shoppings ao total.

Apesar de gerar empregos e ter uma função econômica nas cidades, os danos ambientais e urbanos muitas vezes geram mais ônus do que bônus. Os exemplos deste tipo de ocupação urbanística e arquitetônica sem critérios claros de mitigação e integração urbana são muitos. Exemplificando apenas um destes empreendimentos, podemos citar o Shopping Riomar em Recife/PE ou o Shopping Parque em Maceió/AL.

Figura 01: Implantação do Shopping Riomar Mar em APP protegida pela Legislação Federal nº 12.651. Ao fundo: Bacia do Pina, Via Mangue, Reserva do Pina, ocupação popular e verticalização de Boa Viagem.
Fonte: disponível em: http://www.jcpm.com.br/riomar.php?id_pai=1. Acesso em 12.07.2015.





Figura 02: Implantação do Parque Shopping Maceió/AL em área de APP e proximidade com o antigo "Lixão de Maceió". No entorno o estoque imobiliário de terra aterrando vales.
Fonte: disponível em: <<http://www.multiplan.com.br/pt-br/shopping-centers/alagoas/parque-shopping-maceio>>. Acesso em 12.07.2015.

No caso do Shopping Parque, na cidade de Maceió, este foi construído a aproximadamente 300 metros do antigo "Lixão" (a lei federal limita um afastamento mínimo 500 metros). Este empreendimento, segundo o Ministério Público e o Tribunal de Justiça de Alagoas, desmatou 300 mil m² de mata atlântica dos vales e grotas que interceptam os bairros de Barro Duro, Cruz das Almas e Sítio São Jorge. Desmontou e desmatou morros, aterrou vales em um total de 195.032,42 m², criando solo planejado onde antes era área de Proteção Permanente Protegida pela Lei Federal nº 12.651 (TJ-AL, 2014). Estes empreendimentos satélites aparecem como vetores planejados para criação de estoque imobiliário necessário para futuras empreitadas, em detrimento de potenciais parques e áreas públicas.

2. REINVENTANDO O "INTERNATIONAL STYLE"

Saindo do urbanismo e indo para a arquitetura, observa-se que o mercado imobiliário vem reinventando o "International Style" em uma nova modalidade, o "Green Style". São as chamadas edificações verdes, ecológicas, sustentáveis, certificadas. Todos estes adjetivos empregados tentam remeter a ideia de um espaço construído mais

Figura 03: Estoque de terra ao lado do Antigo "Lixão de Maceió/AL". Desmoronamento de contenção de talude devido à instabilidade geotécnica do aterro.
Fonte: disponível em: <<http://www.extralagoas.com.br/noticia/17598>>. Acesso em 20.08.2015



saudável, humano, eficiente e confortável. O problema é que apesar do apelo ecológico se fecham para dentro do lote criando espaços comuns de todo tipo e gosto, atraindo clientes por imóveis cada vez menores e mais padronizados. Atualmente no Brasil há 252 edificações certificadas e outras 745 em processo de acreditação com a mais importante certificação internacional (LEED) distribuídos nos mais diversos seguimentos, com destaque para edifícios comerciais e corporativos (GBCBRASIL, 2015, p. 02). Em termos práticos observa-se que 50% do total de 110 pontos possíveis na certificação LEED refere-se à eficiência energética e a sistemas mecânicos de funcionamento dos edifícios. Já para inovação apenas 6% da pontuação refere-se à criatividade projetual. Neste contexto, a proliferação de edifícios classificados como "sustentáveis", utilizando apenas as estratégias, materiais e equipamentos mecânicos ditados pelas certificações para geração de conforto, demonstra esta falta de inovação na forma de projetar considerando o clima. Nestes edifícios a regra geral é atender as pontuações necessárias para obtenção de certificação reconhecida pelo mercado. A estratégia projetual se limita a atender aos padrões internacionais da certificação. Junto com estes diferenciais tecnológicos e ecológicos, vende-se também a localização do imóvel próximo aos empreendimentos "satélites" com toda a infraestrutura, segurança, espaços comuns de lazer e o "discurso verde" de edificação ecológica e confortável. Tudo isso se configura muitas vezes como puro "Greenwashing", salvo raras exceções.

3. A GERAÇÃO DE ARQUITETOS "GREENWASHING"

Diferente do discurso ecológico, a prática certificadoras muitas vezes utilizada sem critério revela outra realidade. Observa, em geral, o uso por parte dos arquitetos de estratégias de automatização e de padronização construtiva e certificada. Comete-se o mesmo erro do passado, de copiar sem critério e análise as soluções padronizadas do período modernista, agora na versão sustentável. Outro problema são os arquitetos que tendem a terceirizar aspectos básicos de projeto e de conforto para escritórios especializados em sustentabilidade. Noções simples de conforto e bioclimatologia estão se tornando uma especialidade à

parte fornecida por consultorias especializadas que criam o chamado "arquiteto sustentável" reconhecido e certificado por instituições. O problema é que em geral são arquitetos que apenas aplicam a certificação, atuando como espécie de auditores ambientais e não como projetistas que criam soluções personalizadas para cada projeto. Muitos deles nunca calcularam ou criaram soluções de conforto. Infelizmente, o caminho é inverso. Uma nova geração de arquitetos não entende que se faz urgente questionar, investigar e testar se as soluções previstas nas certificações são ideais para seu projeto. Este problema é creditado inicialmente ao modismo atual de uma arquitetura que tenta resolver os problemas de conforto tirando partido apenas da tecnologia, sem se preocupar com a identidade cultural e a necessidade de harmonização do edifício com o clima local e a cidade. O resultado são edificações com soluções espaciais e ambientais efêmeras.

Neste sentido, o perfil desta geração apresenta alguns aspectos a serem destacados: (1) o profissional necessita virar especialista em plano diretor e conhecer bem o código para inserir-se no mercado imobiliário dos empreendimentos satélites, principalmente no segmento de edifícios verticais, pois os planos diretores não são suficientemente debatidos na academia de forma mais prática e crítica; (2) o arquiteto recém-formado sai da academia sem visão de processo de projeto, sem visão tectônica e dos processos construtivos básicos; (3) o conhecimento ambiental se limita ao conforto, eficiência energética, bioclimatologia e a diagnósticos urbanos, sem uma ênfase prática dos instrumentos de avaliação ambiental (EIV, PRAD, EIA/RIMA, AAE, PGIRS, outros) utilizados no mercado de trabalho e geralmente solicitados pelos órgãos ambientais. Isso acaba formando uma geração de arquitetos com deficiência significativa na área ambiental e de avaliação de impactos dos seus projetos; (4) o recém-formado não possui visão crítica do mercado de trabalho. Isto cria um impacto para ele, que necessita se inserir em um mercado que não conhece bem; (5) há um estímulo na academia para o estudante projetar de forma autoral. Esses novos arquitetos não são instruídos e formados para trabalhar com gestão, coordenação, fiscalização e gerenciamento de projetos/obras, tornando-os limitados

nestes pontos; (6) boa parte dos profissionais visa mais o domínio de ferramentas computacionais BIM e não valorizam o processo do projeto como um todo. O foco é somente no produto final e (7) há uma lacuna na formação para aspectos de empreendedorismo que ajudem os novíssimos profissionais com a sua inserção ao mercado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mercado imobiliário diferentemente do passado, agora propõe "Masterplans Multi-setoriais" com empreendimentos satélites que acabam criando no seu entorno estoques futuros de terra em locais de grande sensibilidade ambiental, em detrimento de áreas públicas, parques, matas e vales. O espaço privado com apoio público assume o protagonismo na vida urbana. A arquitetura com projetos pouco inovadores e plantas cada vez menores, padronizadas e sem integração com a cidade dita o mercado de edificações. Possuem como regra o uso acritico de soluções certificadas e auditadas pelo mercado imobiliário e bastante "Greenwashing". Neste contexto, sobra despreparo do projetista, que atua de forma passiva. Falta visão técnica, socioambiental e de gestão de projetos para questionar e propor novas soluções para o mercado. A boa notícia é que atualmente o interesse pela sustentabilidade e por novas tecnologias tem despertado nos profissionais da construção civil, e em alguns poucos construtores, a necessidade de estudar a sistêmica que envolve o assunto de forma mais crítica e com menos "marketing verde".

REFERÊNCIAS

- ABRASCE. **Anuário dos shoppings centers do Brasil**. ABRASCE, São Paulo, Edição 2014.
- SINDUSCON. **63ª Sondagem Nacional da Indústria da Construção Civil**: CBIC/FGV/SINDUSCON, Maio de 2015.
- GBCBRASIL. **Empreendimentos LEED registrados e certificados**. Disponível em: <<http://www.gbcbrasil.org.br/empreendimentos-leed.php>>. Acesso em 12/07/2015.
- LEINº 12.651. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12651.htm>. Acesso em 12/07/2015.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO ESTADO DE ALAGOAS. **Shopping Parque: processo, de número 003873355.2010.8.02.0001**. 14ª Vara Cível da Capital de Alagoas. 2015.

Focaliza os aspectos da vivência e da percepção dos espaços, buscando refletir sobre a temática da criação contemporânea e sobre os processos históricos, vinculados à conformação e configuração do espaço habitado.*

*Apresentação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFAL. Disponível em: http://www.ufal.edu.br/unidad_eacademica/fau/pos-graduacao/mestrado-em-dinamicas-do-espaco-habitado/proposta-do-programa

POR UMA ARQUITETURA ENQUANTO VERBO

I. APROXIMAÇÕES

As duas grandes famílias em que se dividiu o gênero humano vivem duas espacialidades diferentes: a da caverna e do arado, que escava nas vísceras da terra o próprio espaço, e a da tenda, que se desloca sobre a superfície terrestre sem gravar rastros persistentes. Aos dois modos de habitar a Terra correspondem duas modalidades de conceber a própria arquitetura: uma arquitetura entendida como construção física do espaço e da forma contra uma arquitetura entendida como percepção e construção simbólica do espaço. (CARERI 2013, pag. 38)

Fonte (1): Screenshots capturados pela autora a partir do filme Dogville, Lars Von Trier, 2003.





Na primeira cena de Dogville, Lars von Trier afasta a câmera numa vista aérea da cidade, enquanto caracteriza a vida na mesma e apresenta seus moradores. A opção do diretor de mostrar Dogville a partir de cima é evidenciada pela opção de apresentar a materialidade dos edifícios da cidade através da invisibilidade marcada pelo seu desenho riscado no chão preto. Essa aproximação inicial com Dogville, através do desenho mais obsessivo aos arquitetos – a planta baixa – permite olhar o todo apartado da experiência motora sensória do espaço. Olhar a cidade de cima, como na vista aérea ou na planta morfológica urbana, permite afastar suficientemente o corpo do observador para garantir a análise objetiva.

No segundo momento, a câmera é rotacionada lentamente e ao atingir o plano perpendicular começa a trazer a dimensão corporal para o filme. Nesse momento a arquitetura se torna invisível, mas não ausente. Os corpos dos personagens atuam como se a materialidade das estruturas fosse implícita e incorporada nos gestos dos atores. Abrir as portas, sentindo as maçanetas, passear pela rua tentando adivinhar o interior das casas. Todos os movimentos dos corpos atuam com a presença ausente da arquitetura elevada na imaginação a partir das plantas baixas. A arquitetura é, assim, desenhada pelos corpos.

Mais ainda, as ações dos personagens materializam a arquitetura invisível a nossa frente e há densidade nessa invisibilidade. Enquanto a arquitetura é pensada pelos modernos como formas compostas e visíveis sob a luz, Lars Von Trier a desmaterializa, a recolhe da luz e a expõe através dos movimentos dos corpos no espaço.

Figura 1 e 2: “Um edifício não é apenas uma estrutura física, mas também um espaço mental que estrutura e articula nossas experiências. Uma arquitetura significativa nos abriga como seres completamente sensíveis e conscientes, não como criaturas de mera visão” (PALLASMAA, 2013, 53). Screenshots do filme Dogville, dirigido por Lars Von Trier, 2003.
Fonte (2): Screenshots capturados pela autora a partir do filme Dogville, Lars Von Trier, 2003.

Figura 3: “Entrar em um espaço, por exemplo, implica uma troca inconsciente, instantânea; entro e ocupo o espaço, enquanto o espaço entra e me ocupa. Além disso, imagens não visuais se tornam partes igualmente integrantes do encontro, de modo corporificado” (PALLASMAA, 2013, 42). Anthony MacCall, “Five minutes of pure sculpture”, 2012.
Fonte: Foto de Sean Gallup, disponível em <http://www.gettyimages.com/>



Anthony MacCall faz o movimento inverso em seus "filmes de luz sólida". Ao projetar feixes de luz em movimento que ganham solidez através de seu choque com uma diáfana névoa, o artista nos convida a "tocar as projeções como se fossem tangíveis mesmo que nossas mãos passem através delas com facilidade, ver os volumes como sólidos mesmo que eles não sejam nada mais do que luz" (FOSTER, 2015, 199). As associações ao corpo ficam evidentes na própria terminologia adotada nas obras: os desenhos formados no chão são "pegadas", as superfícies de luz são "membranas" e os volumes que estas descrevem são "figuras em pé", além de fazer alusões arquitetônicas quando se refere às formas como "câmaras" - como espaços em que podemos nos inscrever dentro ou fora ou nas duas condições simultaneamente. A luz, nesse caso, não permite ver formas no espaço, mas antes, descreve espaços, através de um jogo entre imaterialidade e materialidade instigando os corpos a interações táteis com a luz, ela própria em movimento e propiciadora de diferentes predisposições corporais.

Nas duas obras "não arquitetônicas" podemos apreender elasticidades que abarcam, fazem uso e questionam a arquitetura em sua relação com o gesto e o corpo, compreendendo-a para além da perspectiva espacial, mas fortemente ligada à relação espaço/tempo. A arquitetura passa a ser pensada através do verbo.

A edificação material não é um objeto ou fim em si. Ela altera e condiciona nossas experiências da realidade: uma edificação emoldura e estrutura, articula e relaciona, separa e une, proíbe e facilita. As experiências arquitetônicas profundas são relações e atos, em vez de objetos físicos ou meras entidades visuais (...) consequentemente, as experiências arquitetônicas básicas têm a essência dos verbos, não dos substantivos. (PALLASMAA 2013, págs.123-124)

A arquitetura é descrita, assim como espaço simbólico-corpóreo, constituído não apenas pelas mãos do arquiteto que concebeu a forma dos objetos arquitetônicos, mas também pelos gestos e movimentos adotados pelos corpos ao se chocarem com estes espaços. Esta mudança de perspectiva, parte de uma noção do corpo como aquele que inscreve a arquitetura através de seus movimentos.

Neste sentido, a arquitetura seria pensada a partir da compreensão dos corpos - o de próprio arquiteto e dos demais quererão habitar os espaços, transformando-os em arquitetura. A dança, como aponta Lina Bo Bardi, apresenta um campo rico de experimentação nesse sentido.

(...) um templo, um monumento, o parthenon ou uma igreja barroca existe em si por seu peso, sua estabilidade, suas proporções, volumes, espaços mas até que o homem não entre no edifício, não suba os degraus, não possua o espaço numa "aventura humana" que se desenvolve no tempo, a arquitetura não existe, é frio esquema não humanizado. O homem cria com o seu movimento, com os seus sentimentos. Uma arquitetura é criada 'inventada de novo' por cada homem que nela anda, percorre o espaço, sobe uma escada, se debruça sobre uma balaustrada, levanta a cabeça para olhar, abrir, fechar uma porta, sentar e se levantar é um tomar contato íntimo e ao mesmo tempo criar formas no espaço, expressar sentimento; o ritual primogênito do qual nasceu a dança, primeira expressão daquilo que será a arte dramática. (BARDI apud OLIVEIRA 2006, pag. 358)



Figura 4: O espaço desenha os movimentos dos corpos ao tempo em que os movimentos delineiam espaços. Jogos dinamosféricos de Rudolf Von Laban (Fonte: Danse et architecture. Editions Contredanse).
Fonte: CORIN, Florence. Danse et architecture. Editions Contredanse, 2000).



Movimento, espaço e tempo – corporificados – seriam as três categorias mais importantes compartilhadas pela arquitetura e pela dança. A dança pode ser pensada como o movimento do corpo através do espaço no tempo. A arquitetura por outro lado, permite o encontro do corpo com determinadas qualidades espaciais experimentadas através do movimento no tempo.

Na perspectiva dos encontros entre os corpos e a arquitetura, dois arquitetos contemporâneos podem ser elencados aqui, em grande parte por seu importante papel também como professores: Juhani Pallasmaa e Bernard Tschumi. Pallasmaa, especialmente na obra “Os olhos da pele”, discute as relações entre o corpo, a sensorialidade e a arquitetura, afirmando a necessidade de criar uma arquitetura que propicie encontros densos com os corpos que a habitam.

Tschumi retomará a relação da arquitetura com os corpos através da aproximação com a compreensão da arquitetura como propiciadora de eventos.

“Os corpos não somente se movem para o seu interior, mas produzem espaços, por meio e através de seus movimentos” (TSCHUMI, 181). Compreenderá, assim, o movimento e o acontecimento como partes fundamentais da compreensão arquitetônica, rechaçando uma compreensão puramente visual da arquitetura. Para ele, a arquitetura deve ser feita de ideias e conceitos, antes de se tornar forma. Ao mesmo tempo, ela não pode ser dissociada dos eventos e dos movimentos dos corpos que a habitam.

Figura 5: Cena do espetáculo “Nô”, do Grupo de Dança Deborah Colker.
Fonte: <http://www.ciadeborahcolker.com.br/>

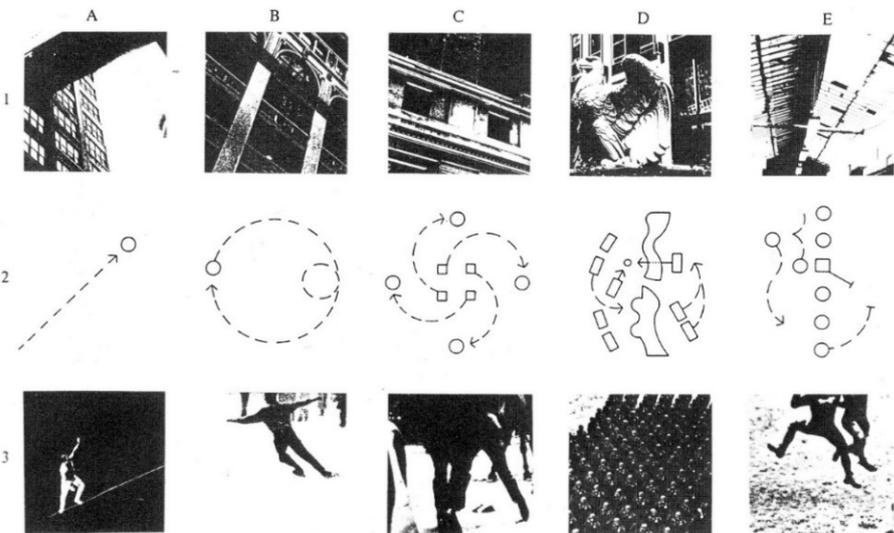


Figura 6: Uma compreensão da arquitetura enquanto propiciadora de eventos interpela o arquiteto a pensar novas formas de representação que o permitam conhecer e conceber arquitetura. No caso de Tschumi, a exploração de notações específicas em Manhattan Transcripts tenta evidenciar os objetos arquitetônicos, os movimentos dos corpos no espaço e os eventos que nele tomam lugar. "Arquitetura não é simplesmente sobre o espaço e a forma, mas também sobre eventos, ações e o que acontece no espaço".
Fonte:
<http://www.tschumi.com/>

Deste modo compreende que é necessário para a arquitetura repensar os próprios modos de representação, uma vez que a planta "uma prisão para a arquitetura", não daria conta de apresentar e trazer ao conhecimento, a dimensão espaço-temporal inscrita a partir dos corpos em movimento. Aproxima-se, assim, do sistema de notação e composição do cinema (de onde incorpora a noção de cinemática), através da notação em camadas sequenciais e da composição através da montagem (explorada a partir de Eisenstein).

O arquiteto recria a *promenade architecturale*¹, aproximando-a da experiência da montagem no cinema, que vai buscar em Eisenstein, trabalhando com a idéia de *promenade cinemática*, ou *cinemática arquitetônica*, que aplica em seu projeto do Parc de La Villette. A mudança de perspectiva proposta é a de incorporar como mote central do processo projetual o movimento do corpo, ainda que, em sua associação ao cinema, evidencie o corpo sensorial a partir do olho.

O interesse em aproximar a arquitetura e o cinema aparece também na discussão de Pallasmaa, que compreende que, para além da música, tradicionalmente pensada como a arte mais próxima da arquitetura, "o cinema é, entretanto, mais próximo da arquitetura do que a música, não somente pela sua estrutura temporal e espacial, mas fundamentalmente porque ambos a arquitetura e o cinema articulam o espaço vivido".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Articular os espaços habitados aos corpos que os vivenciam, repensar modos de representação destas articulações como parte de uma mudança de compreensão da arquitetura. A premissa básica dessas alterações é o abandono da compreensão da arquitetura como "volumes sob a luz". Não se trata de negligenciar o caráter visual da arquitetura, substituindo-o pela tutilidade, mas sim de buscar modos de incorporar a vivência dos corpos como parte dos processos de percepção – reintroduzindo o corpo do arquiteto como um corpo-sujeito, o que pressupõe o incentivo à experimentação dos espaços – e de representação – buscando novas formas que transcendam as representações em planta e incorporem características sensoriais e dinâmicas.

¹ A *promenade architecturale* é constituída como um caminho eleito pelo arquiteto para evidenciar traços do objeto arquitetônico, ao forçar o olhar a percorrer certas visadas da edificação. Derivada aparentemente da experiência de Corbusier nos países orientais, a noção de passeio arquitetônico traz influências de certa sensualidade do objeto arquitetônico, que deve ser percorrido a pé, caminhando, mas ainda evidencia o olhar como ponto focal da experiência resultante desse caminhar. Pallasmaa (PALLASMAA, 2014) vai nomear esta relação como "olho cinético", uma vez que, apesar de integrar o corpo na dinâmica de experimentação arquitetônica, o faz tendo como experiência central a do olhar.

REFERÊNCIAS

- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: G. Gili, 2013.
- FOSTER, Hal. **O complexo arte-arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- PALLASMAA, Juhani. **A Imagem corporificada**. Porto Alegre: Bookman, 2013.
- . **Los ojos de la piel: la arquitectura y los sentidos**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2014.
- TSCHUMI, Bernard. "Arquitetura e limites I." Em Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995, por Kate NESBITT. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- . "Arquitetura e limites II." Em Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995, por Kate NESBITT. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- . "Arquitetura e limites III." Em Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995, por Kate NESBITT. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

DÉBORA CAVALCANTI

PhD em Planejamento Urbano
Professora da FAU/UFAL
debora_cavalcanti@hotmail.com

**APROPRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E
GESTÃO DO ESPAÇO HABITADO:**

Enfoca o espaço habitado em suas múltiplas conformações, configurações e dimensões concretas como resoluções de necessidades e exigências sociais (históricas, políticas, econômicas e culturais), assim como campo de desenvolvimento de novas sociabilidades e de organização social.*

IMPETO | 7

*Apresentação do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFAL.
Disponível em:
<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/fau/pos-graduacao/mestrado-em-dinamicas-do-espaco-habitado/proposta-do-programa>

ARQUITETURA E URBANISMO PARA A PAZ: CONTRIBUIÇÃO PARA A SOCIABILIDADE E A CONVIVÊNCIA

I. VIOLÊNCIA E URBANIZAÇÃO

A sociedade atual é fruto dos acontecimentos históricos que foram pouco a pouco tornando a humanidade menos violenta em um processo civilizatório (civitas = cidade). No entanto a fraternidade como atributo da humanidade vê-se repetidamente sendo ultrapassada pela selvageria (ANDRADE, 2015). Na cidade fragmentada do século XXI impera a intolerância, os territórios de exclusão e de preconceito com o diferente. O aumento populacional e o modelo de desenvolvimento que usa a violência para expropriar a força de trabalho e os recursos naturais tendem a agravar os contrastes sociais, afastando a humanidade de uma possível fraternidade. Qual é o papel, então, da arquitetura e do urbanismo para o espaço habitado neste contexto?

Brandão (2005) discorre sobre os papéis que os arquitetos assumiram no decorrer da história, desde o arquiteto-sacerdote na Antiguidade ao arquiteto do estado na Revolução Industrial que tratava de resolver os problemas decorrentes da crescente e acelerada urbanização. O século XX viu emergir a figura do arquiteto liberal que, salvo exceções, não cria vanguardas mas se adequa à cultura homogeneizante dominante e se submete ao mercado e acaba se transformando, como todos os seres humanos em apêndices do capital (ROGGERO, 2010). Apesar de haver alguma reação à essa subordinação às relações materiais, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, tendencialmente os arquitetos e urbanistas trabalham para os grupos dominantes, sem críticas, deixando em segundo plano as questões urbanas como palco de ação estratégica (MARCONDES, 2013). Sendo assim este artigo trata de debater o papel da arquitetura e do

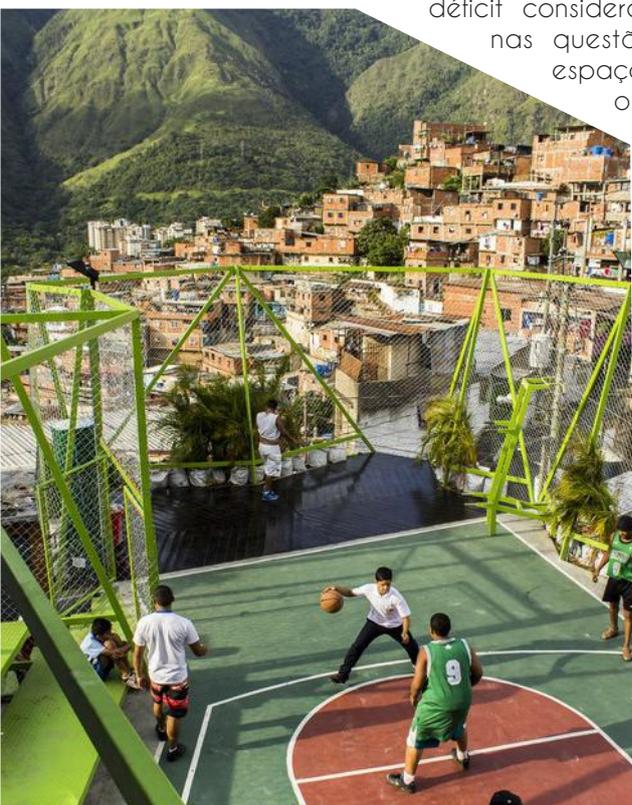
urbanismo na construção de sociabilidades, de uma contracultura à violência, mostrando alguns casos onde a construção de uma relevância social se materializa através de projetos de melhoria na qualidade de vida dos habitantes e de resolução dos problemas espaciais das aglomerações urbanas nas diferentes escalas e características (VIEIRA MARAGNO, 2013). Estes projetos tratam de promover uma cultura de paz necessária na contemporaneidade marcada pela violência, isolamento e dilapidação do patrimônio natural, material e imaterial própria do modelo de desenvolvimento. A sociedade atual carece de estímulos a uma maior integração entre as diferentes culturas e modos de vida. A homogeneização e globalização de pressupostos universais distanciam a arquitetura e o urbanismo das questões locais, relativizando a relevância social da arquitetura e do urbanismo.

Recuperando os objetivos da arquitetura e do urbanismo Frei Otto, citado em Figuerola (2002), afirma que a tarefa da arquitetura é permitir que a humanidade viva em harmonia com o planeta Terra. Além das questões sociais já descritas, a relação com o meio ambiente tem uma importância fundamental para o presente e futuro da vida na Terra. O aquecimento global, a contaminação dos alimentos por agrotóxicos e a destruição dos cursos d'água são ameaças à vida humana e animal. Quando Otto fala da harmonia que a arquitetura deve promover com a natureza, sua inspiração provinha do movimento verde, da filosofia e da arte na Alemanha após a 2ª Guerra Mundial (FIGUEROLA, 2002). Naquele momento havia dúvidas e questionamentos sobre a

forma como as cidades estavam sendo reconstruídas, e se buscava não cometer os mesmos erros que colaboraram com as rupturas sociais que estiveram na gênese da guerra: expansão agressiva de mercados, crise econômica, fascismo, governo antidemocrático, indústria de armamentos, repúdio às políticas de justiça social como uma ameaça à liberdade individual e preocupação com a propriedade privada. Estas questões, de maneira inquietante, estão presentes 70 anos depois nas relações sociais atuais e na forma como a política urbana é gerida.

Partindo desse pressuposto e observando o contexto de um Brasil que vem se modificando drasticamente nos últimos anos, exacerbando diferenças entre setores da população, constata-se a necessidade de um maior diálogo entre o público e o privado e uma participação ativa, em especial, daquelas pessoas cujas vozes nunca foram ouvidas ou levadas em consideração. Vive-se e propaga-se a ideia da anticidade, onde os condomínios fechados viraram o sonho de toda população, o que vem enfraquecendo o tecido social. Neste sentido, acredita-se que a diversidade, palavra mágica preconizada ainda nos anos 1960 por Jane Jacobs como uma crítica ao funcionalismo extremado, pode ser recuperada e posta em uso como um critério urbanístico auxiliar na promoção da paz entre os cidadãos e com a natureza. O Brasil, em especial Alagoas, apresenta um déficit considerável de participação nas questões urbanas. Não há espaços de debate por que os governos não se

Figura 1: Petare, Caracas
Fonte:
www.archdaily.com.br/br/756317/como-o-projeto-espacos-de-paz-esta-transformando-os-espacos-comunitarios-na-venezuela



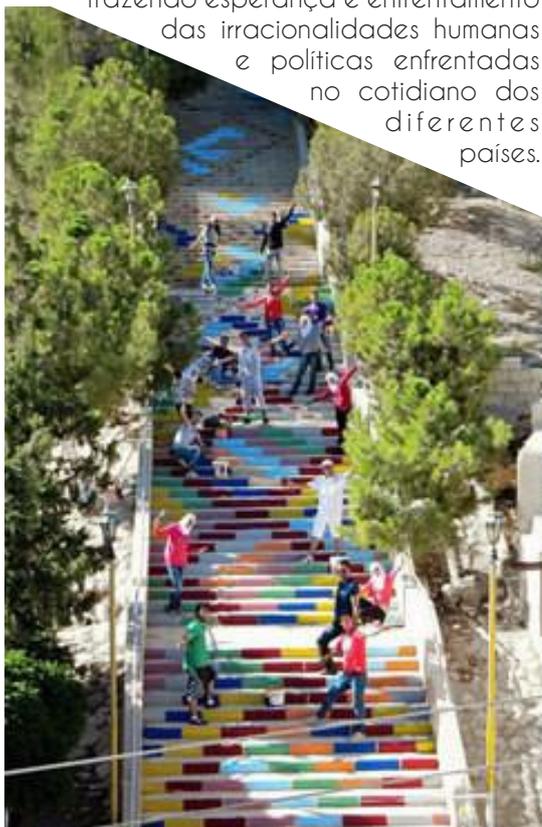
abrem a essa participação real, os convites à participação, quando eles existem, são em sua maioria, apenas informação do que já está decidido ou infelizmente o debate gira em defesa de direitos e privilégios locais ou individuais. Há um dilema entre aqueles que defendem um estado forte interveniente e aqueles que acham que o setor privado deve ter ampla

liberdade (JANOT, 2015). O importante é entender que se faz necessário um processo de negociação de interesses e poderes diversos, no qual cada um terá que convencer o outro e ao mesmo tempo ceder para que se alcance alguma solução que resguarde direitos e conserve o meio ambiente para o presente e futuras gerações. Três acontecimentos recentes na vida da cidade de Maceió demonstram esse descaso com a participação: a construção do marco da cidade no antigo Alagoinha, a desocupação forçada da Vila dos Pescadores e o processo de verticalização do Litoral Norte. Não houve espaço para debate, outras ideias poderiam ter sido discutidas e talvez outras soluções menos agressivas às pessoas e ao ambiente pudessem ter sido tomadas. Estes fatos revelam o baixo grau da democracia local, onde setores dominantes regem a gestão urbana da cidade, reafirmando cada vez mais o caos em que se vive: trânsito insuportável, cursos d'água contaminados, destruição de identidades locais, lixo ameaçando a saúde de todos, enclaves de pobreza, poucos espaços públicos de qualidade, ausência de espaços verdes, ênfase no individualismo e pequeno grau de civilidade e gentileza urbana. É importante superar ideologias e entender que a cidade é um bem comum e todos devem ser agentes ativos na sua construção. Se faz necessária uma gestão urbana transparente e ágil que não sucumba ao determinismo financeiro em detrimento de uma cidade mais justa com seus cidadãos e amiga da natureza.

2. EXEMPLOS DA ARQUITETURA E DO URBANISMO COMO PROMOTORES DA PAZ

Ao fazer uma breve investigação para o desenvolvimento deste artigo, foi possível encontrar exemplos de como alguns arquitetos e urbanistas estão preocupados em utilizar a profissão como um coadjuvante de peso na definição de novas sociabilidades, convivências e vida coletiva. O primeiro exemplo vem da Venezuela que, já em uma segunda edição, inaugura em cinco cidades os projetos Espaços de Paz. A experiência baseia-se em um exercício prático de desenho participativo, onde 20 coletivos latino americanos de arquitetura estiveram durante cinco semanas trabalhando com comunidades de bairros dominados pela violência, pelo abandono escolar e delinquência. O objetivo é converter espaços deteriorados e abandonados em espaços públicos de paz (Figura 01).

O segundo exemplo vem da Síria onde estudantes de arquitetura criaram a "Escada da Paz" para trazer alguma cor na vida de cidadãos que convivem com a guerra civil (Figura 02 e 03). Alunos e professor escolheram a escada mais comprida de sua cidade e ao transformarem-na numa alegre obra de arte, modificaram radicalmente a paisagem, trazendo esperança e enfrentamento das irracionalidades humanas e políticas enfrentadas no cotidiano dos diferentes países.



O terceiro exemplo vem de São Paulo, com o escritório de arquitetura que possui o blog Arquitetura da Convivência cujo objetivo principal do seu trabalho é construir espaços de convivio, construindo a cidade no coletivo, na junção e oposição de diferentes interesses. A ideia é gerar espaços urbanos para melhorar a qualidade de vida buscando a construção de uma cidade mais funcional e acolhedora. O escritório trabalha com o setor imobiliário no sentido de humanizar e qualificar os projetos arquitetônicos e urbanísticos do setor privado mas também se envolve com projetos comunitários e públicos (Figura 04).



Figura 2 e 3: Escada da Paz,
Síria
Fonte:
<http://www.arquiteturaconvivencia.com/blog/2014/5/23/escada-da-paz-na-siria>

Figura 4: Parque Linear
Córrego Verde Vila
Madalena
Fonte:
<http://www.arquiteturaconvivencia.com/parque-linear-corrego-verde-vila-madalena>

3. ARQUITETURA E URBANISMO PARA A PAZ

Pôde-se observar nos exemplos apresentados experiências práticas de arquitetos e urbanistas que, por iniciativa própria, críticos de sua ação ou apoiados pelo setor público, atuaram em comunidades e para empresas com a preocupação de transformar espaços conflituosos ou ociosos em espaços promotores de paz e convivência. Estes espaços de sociabilidade são de grande importância para a promoção de uma cultura de paz em falta nos dias atuais de pouca gentileza e humanidade dentro das cidades. Alguns aspectos promotores da cultura de paz, portanto, podem ser considerados e incorporados na prática profissional do arquiteto e urbanista. Os espaços produzidos devem ser auxiliares na promoção da sociabilidade, mas se eles não se constituírem em barreiras já é um grande passo. Os espaços não devem ser excludentes em termos de gênero, gerações, etnia ou condição econômica, pois são nos espaços flexíveis e diversos que a tolerância e a convivência se consolidam. O exercício da democracia e do respeito ao outro devem ser considerados na concepção e gestão dos espaços coletivos. A escala é algo extremamente importante na definição do tamanho e do alcance do espaço

público. Experiências demonstram (CAVALCANTI, 1994; EQUIPO EDITORIAL, 2015) que a vizinhança na sua esfera micro local é mais efetiva enquanto espaços propícios ao desenvolvimento da pertença, identidade e solidariedade. Estudos mostram a efetividade do espaço usado e visto como um critério de segurança pública (JACOBS, 2000; CALDEIRA, 1997). O desenho urbano, portanto, deve estar a serviço da convivência e da troca, e os atuais e futuros arquitetos e urbanistas deveriam questionar sua posição com relação à cultura da paz e se sua produção contribui para o afastamento, a intolerância com o diferente e o isolamento ou para a paz e a sociabilidade. A qualidade de vida das pessoas que ocuparão as edificações e espaços urbanos projetados por arquitetos e urbanistas, assim como os aspectos históricos, culturais e ambientais da região onde a construção está sendo planejada, são tão importantes quanto as questões técnicas na elaboração dos projetos (DE ANDRADE et al., 2009). Os lugares devem propiciar abrigo, conforto, tranquilidade e uma série de sensações positivas nos usuários para um mundo melhor para todos e vida longa na terra.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, T. B. **Cidades em guerra**. Drops, São Paulo, ano 16, n. 095.01, Vitruvius, ago. 2015 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/16.095/5628>>. Acesso em: 2 ago. 2015.
- BRANDÃO, P. **Profissão de Arquitecto – Identidade e Prospectiva – Estudos de Caso**. Tese (Doutorado). Barcelona: Universidade de Barcelona, 2005.
- CAVALCANTI, D. B. **La rue de l'habitat populaire et ses formes de appropriation**. Dissertação (Mestrado). Louvain-la-Neuve: Université Catholique de Louvain, 1994.
- CALDEIRA, T. P. R. **Enclaves fortificados: a nova segregação urbana**. Novos Estudos Cebrap, 47, 155-176, 1997.
- DE ANDRADE, L. T.; JAYME, J. G.; DE CASTRO ALMEIDA, R. **Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles**. Cadernos Metrópole. ISSN (impresso) 1517-2422;(eletrônico) 2236-9996, n. 21, 2009.
- EQUIPO EDITORIAL. **"Espaços de Paz 2015: cinco cidades, cinco comunidades, vinte coletivos de arquitetura"** [Espacios de Paz 2015: cinco ciudades, cinco comunidades, veinte colectivos de arquitectura] 04 Jul 2015. ArchDaily Brasil. (Trad. Camilla Sbeghen) Acessado 9 Ago 2015. <http://www.archdaily.com.br/br/769220/espacos-de-paz-2015-cinco-cidades-cinco-comunidades-vinte-coletivos-de-arquitetura>
- FIGUEROLA, V. **Uma arquitetura para a paz**. Revista AU, São Paulo, Edição 102, jun. 2002. Entrevista. Disponível em <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/102/uma-arquitetura-para-a-paz-23791-1.aspx>. Acesso em: 7 jul. 2015.
- JACOBS, J. **The death and life of great american cities**. Londres: Pimlico, 2000.
- JANOT, L.F. **Cidades ameaçadas**. Drops, São Paulo, ano 16, n. 095.02, Vitruvius, ago. 2015 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/16.095/5636>> Acesso em: 3 jul. 2015
- MARCONDES, L. **Por que a sociedade não valoriza o trabalho do arquiteto?** Revista AU, São Paulo, Edição 231, jun. 2013. Seção Fato e Opinião: Exercício profissional. Disponível em <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/231/artigo290413-1.aspx>>. Acesso em: 15 mai. 2015.
- ROGGERO, R. **A vida simulada no capitalismo: formação e trabalho na arquitetura**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.
- VIEIRA MARAGNO, G. **Quase 300 cursos de Arquitetura e Urbanismo no país: como tratar a qualidade com tanta quantidade? Algumas questões sobre qualificação e ensino no Brasil**. Arqtextos, São Paulo, ano 14, n. 161.07, Vitruvius, out. 2013. Disponível em <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/14.161/4930>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

GRADUANDOS



A CIDADE NA IMAGEM:

O PERCURSO DA VILA DE SÃO FRANCISCO-AL. ATUAL CIDADE DE PENEDO. NO ACERVO ICONOGRÁFICO DO GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS DA PAISAGEM

A imagem adotada como ferramenta para o estudo da paisagem não implica apenas em seu uso como base para a identificação das marcas edificadas e das expressões do sítio. Significa encarar também como aspectos a serem considerados nos estudos, as propriedades desses produtos de carregarem uma série de intenções direcionadas pelo processo de sua produção. O presente artigo busca compreender, a partir da fotografia, a formação, as mudanças e o funcionamento da paisagem urbana da cidade de Penedo-AL, através da análise, comparação e produção de imagens do lugar.

O acervo imagético do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - FAU/UFAL vem sendo produzido há 15 anos. Durante este percurso, suas formas de registrar a paisagem sofreram várias interferências de caráter operacional e subjetivo. Nesse processo, a ideia é também compreender as motivações dos registros enquanto representações sociais. Para além do olhar sobre a própria imagem e de revisão de literatura acerca da análise iconográfica, vem sendo realizadas visitas ao lugar registrado para identificar os fragmentos paisagísticos focados no conjunto imagético. Tal procedimento tem indicado que o conjunto iconográfico produzido pelo Grupo foi influenciado pelas formas de abordagem temática, dos projetos de investigação pelos recursos instrumentais de manipulação e produção da imagem e pela subjetividade dos que atuam nesse processo de construção da imagem da cidade.

Os financiamentos recebidos para o desenvolvimento desses estudos não foram ignorados como agente determinante nas abordagens das investigações,

direcionando e justificando, assim, focos e abrangências da produção iconográfica. Da mesma maneira, tem-se o progressivo incremento da tecnologia de produção imagética acessada pelo Grupo, a qual abrange desde programas computacionais até equipamentos de projeção, captação e armazenamento de imagens que obviamente influenciaram os processos - determinados pela personalidade subjetividade dos distintos autores, assim como pela tecnologia, que sofreu intensa transformação em 15 anos -, e produtos de elaboração dos registros visuais, os quais referenciam a paisagem captada pelas lentes do fotógrafo e suas múltiplas variações.

Além disso, todo o material produzido demonstra uma trajetória de pensamento. Durante esse período de estudos da paisagem, vários foram os olhares sobre as localidades. Olhares diversificados pela subjetividade de pesquisadores em vários níveis de amadurecimento - em programas de iniciação científica como BIC, PIBIC, mestrandos e doutorandos - que acompanharam a composição da fotografia sobre os principais temas motivadores do Grupo (iconografia, paisagem, história urbanística e patrimônio) e que, conseqüentemente, direcionaram o registro sobre eles. As próprias paisagens seguiram seus percursos, em seus ritmos, sugerindo, durante esses 15 anos de estudos, outras formas de serem observadas. Tais formas foram encaradas como sugestões da própria paisagem para seu processo de mutação que sucede de forma diversa em tempo e espaço.

O estudo ora apresentado, abrange desde trabalhos de organização de sistematização do banco de imagens do Grupo relativo a uma das paisagens por ele

registradas, qual seja, a antiga Vila de São Francisco (núcleo colonial da atual cidade de Penedo-AL), como também de análise desses próprios documentos enquanto paisagem planejada.

O Grupo atua privilegiando a análise iconográfica e iconologia da imagem utilizando dados, de maneira que a paisagem seja percebida como conceito que dá relevo especialmente, aos processos de identificação humana e social com o espaço. Para uma melhor qualidade no alcance dos resultados, foi substancial passar por alguns outros pontos. O primeiro deles foi a etapa de revisão bibliográfica, em especial os artigos de autoria do Professor Dr. Leonardo Castriota que foram de fundamental importância para introduzir a natureza da problemática do acervo imagético. Os textos abordam a imagem como uma ferramenta de pesquisa, discutindo sua complexidade no processo de categorização, comparação e disponibilização virtual. Bem como o Manual do Inventário Nacional de Referências Culturais, elaborado pelo IPHAN, o qual apresenta noções acerca de registro audiovisual, delimitação e identificação do universo empírico a ser registrado, além disso, como uma forma de pôr em prática o apreendido nas leituras foram elaboradas fichas de campo para fins de registro e acervo patrimonial.

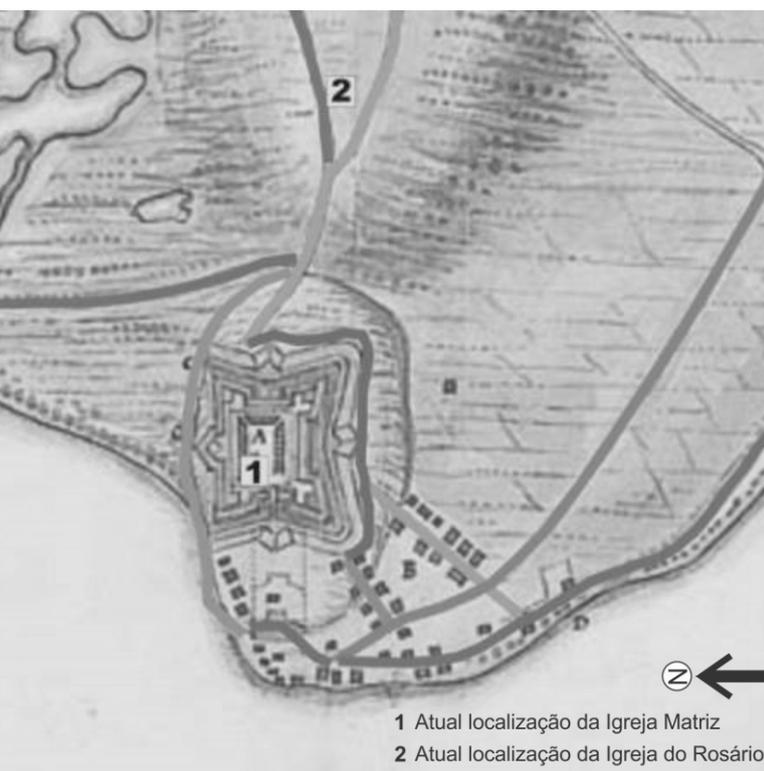
Ainda para a realização dos estudos acerca dos registros imagéticos da cidade de Penedo foi visto uma série de projetos de pesquisa desenvolvidos enquanto atividades do Grupo que geraram cerca de cinco mil imagens reunidas e elaboradas durante 15 anos de investigações. Como base para comparação, definiu-se três temporalidades distintas. A primeira delas, que se apresentou sob o título de Estudos da Paisagem, financiado pelo CNPq (1999), teve como foco inicial a observação dos edifícios de caráter religioso que integravam o conjunto edificado do núcleo mais antigo da cidade. A idéia era a de compreender como as igrejas interferiram na composição do tecido urbano de origem colonial, estendendo a análise à configuração de seu arruado. O estudo da relação entre edifícios e caminhos aos poucos foi suscitando questionamentos acerca do Forte Maurício, construído durante a invasão holandesa ao Brasil, pois este se ligava ao tema religioso, tendo a primeira capela da então Vila de São Francisco instalada dentro dos limites da fortificação hoje inexistente. Dentre fotografias de igrejas e do arruado, vistas aéreas e infográficos, cerca de 100 imagens foram geradas no primeiro momento desse projeto, registrando o processo e o resultado de identificação do primeiro conjunto edificado em Penedo e de reconhecimento da gênese de seu desenho urbano (figura 01).

Figura 1: Infográfico do núcleo colonial de Penedo, realizado com base no mapa Johannes Vingboons (1666).

Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Figura 2: Infográfico da atual cidade de Penedo, realizado com base no mosaico fotográfico da CODEVASF.

Fonte: Arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.



Os resultados influenciados pelo contato com a fortificação sobre o traçado da cidade motivaram a realização de estudos acerca do tema do sistema defensivo das vilas e cidades de origem colonial e o embate entre a iconografia histórica e imagens atuais de Penedo (Figuras 01 e 02) indicou sinais do local onde estaria construído o Forte Maurício. Assim, em 2005, o Grupo de Pesquisa realizou trabalhos conjuntos com o Laboratório de Arqueologia da UFPE, quando foi possível exercitar a interdisciplinaridade na tentativa de abordar alternâncias das análises geoarqueológica e cartográfica, antiga e atual, na busca de uma reconstituição de uma paisagem. Durante a execução do projeto trabalhou-se com 3158 imagens, sendo essas iconografia histórica, fotos aéreas, mapas e fotografias. Estas últimas somam um conjunto de cerca de 2000 imagens produzidas pelo Grupo.

A familiaridade com o lugar, obtida com o desenvolvimento das investigações, fez o Grupo estender o olhar acerca da paisagem para além de seus aspectos materiais. Não apenas a dinâmica da cidade motivou essa ampliação, como também a própria aproximação com a iconografia. Mapas, vistas, desenhos gráficos, pinturas, quando examinados em detalhe, trazem à tona uma série de dados

dos mais variados gêneros: de manifestações sobre espécies da flora e fauna às atividades relacionadas à tecnologia construtiva.

Neste aspecto, diversos projetos foram direcionados ao Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, financiados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nos quais foi possível averiguar a eficiência destas fontes. O levantamento de práticas relativas ao patrimônio imaterial de Penedo, iniciou-se em 2010, tomando-se como eixo condutor as práticas e saberes vinculados ao Rio São Francisco, elegendo-se a pesca, a feira e as festividades religiosas.

Como dito, esse artigo trata de uma pesquisa que objetiva subsidiar a organização e disponibilização virtual do conjunto iconográfico produzido pelo Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem para fins de estudos documentais acerca do legado da paisagem colonial de vilas e cidades nordestinas que possuem um núcleo edificado de reconhecido valor patrimonial, no geral, validado pelos Livros de Tombo ou pelo Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC, ambos do IPHAN.

Figura 3: Rocheira vista do Rio São Francisco.
Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - FAU/UFAL, 2005.

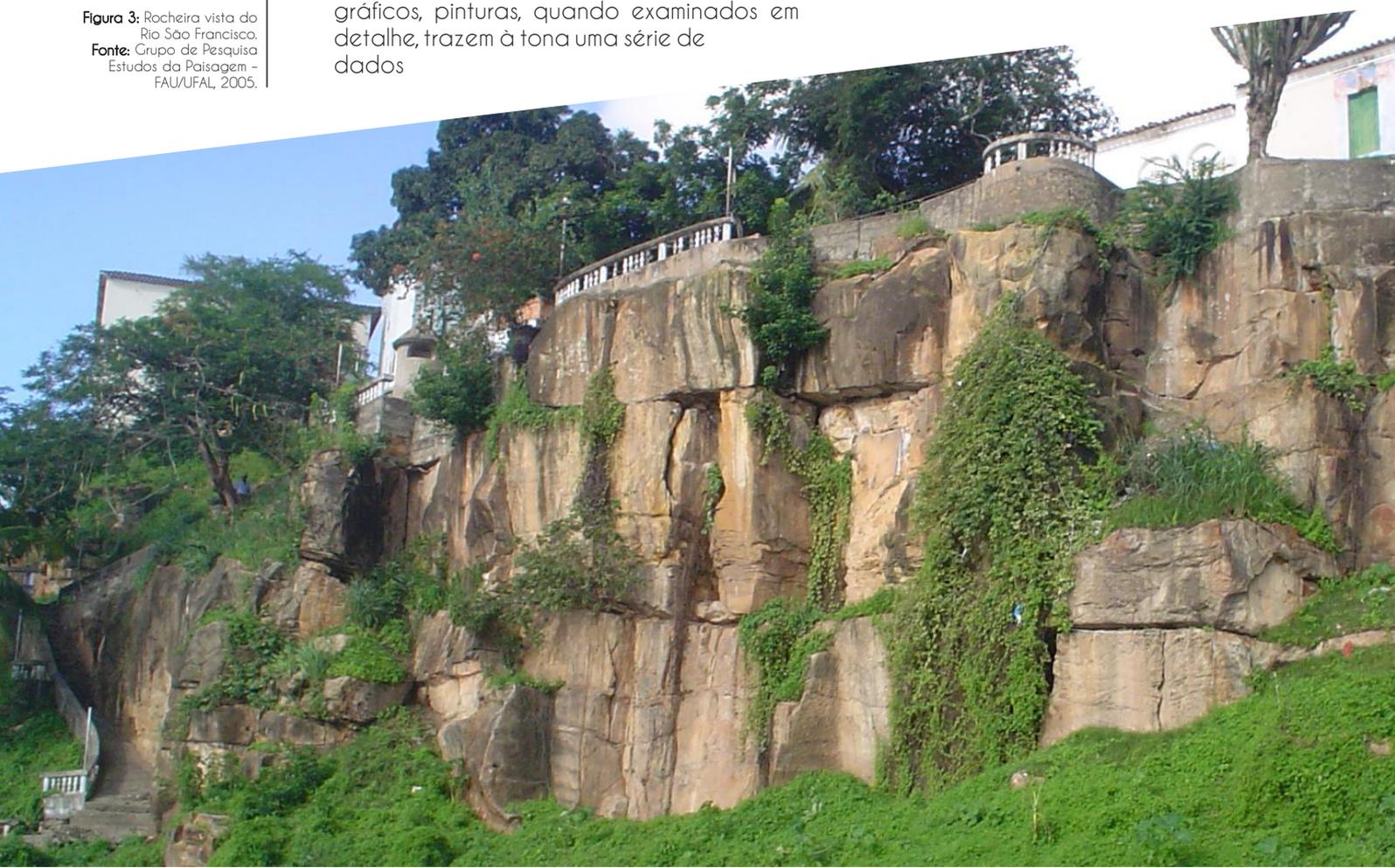




Figura 4 (esq.): Artesanato local representando o pescador.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - FAU/UFAL, 2010.

Figura 5 (dir.): Festa de Bom Jesus dos Navegantes, festividade popular e religiosa realizada em Penedo-AL.

Fonte: Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - FAU/UFAL, 2010.

O primeiro impacto que surgiu com o estudo das imagens e da cidade foi relativo à necessidade de formar um olhar para observá-la. Ou seja, reconhecer que o registro visual e a própria cidade, enquanto documento, suscita uma observação mais ampla sobre ela, pois sua composição tem significações temporais e ideológicas.

Todo esse emaranhado de conhecimento, seja ele empírico ou teórico, confere um valor imprescindível para que, aproximando-se cada vez mais o objeto estudado, este possa gerar dúvidas e reflexões, agregando cada vez mais valor à causa do Grupo de Pesquisa, de teorizar e constatar dados, assim como cita Graeff (p.78) "Para colocar a questão da teoria é indispensável, antes de tudo, abandonar de vez a ideia de fazê-la normativa e adotar francamente a dúvida como instrumento básico da atividade teórica".

REFERÊNCIAS

- CASTRIOTA, L.B., *Imagens do moderno: a preservação do acervo do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2005.
- CASTRIOTA, L.B., *Tecnologia digital e acessibilidade: a Rede Latino-americana de Acervos de Arquitetura e Urbanismo*. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.
- Departamento de Identificação e Documentação IPHAN. *Manual do Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.
- MACHADO, R. V. O. *Pernambuco no papel*. Tese de doutorado - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- MUNIZ, B. M. *A igreja e o forte: diálogos entre urbanismo e arquitetura na cidade de penedo*. PIBIC, 2002
- MUNIZ, B. M. *Relatório final*: Título do projeto de pesquisa estudos da paisagem. PIBIC, 2001.

ALEXANDRA JANE DE CARVALHO FREITAS

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
alexandrajanepi@gmail.com

LUIZ GUSTAVO OLIVEIRA DA SILVA

Graduando em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Grupo de Estudos em Conforto Ambiental
luizgustavo.oliveiradasilva@gmail.com

VINICIUS SILVA NASCIMENTO

Graduando em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
vini_sn@hotmail.com

MERCADO DA LEVADA

TRADIÇÃO E LUGAR DE UM ESPAÇO PÚBLICO RENEGADO

A cidade é um fenômeno humano tão complexo que por vezes é difícil encontrar definições, nela as pessoas se fixaram e desde então dividem experiências, hábitos e costumes, construindo, a partir do coletivo, uma sociedade. Essa interação social pode ocorrer de diversas maneiras, mas acontece principalmente no espaço público. A cidade que temos hoje é fruto de um trabalho coletivo incessante, a partir dela o homem deixa de ser autossuficiente e passa a depender de outros habitantes, nela se concentram as trocas de produtos, o poder político e o religioso (ROLNIK, 1988).

Segundo Vargas (2001) para a realização dessas trocas é necessário o encontro de fluxos, de bens materiais, mercadorias, homens e de ideias em um determinado espaço físico, estabelecendo assim, o Mercado. Por exemplo, na Grécia Antiga, os primeiros registros de mercados públicos surgiram de forma espontânea em lugares ao ar livre:

O mercado grego, além de lugar de compras de alimentos e outros objetos, pela natureza do convívio de pessoas de diferentes procedências e classes, era um espaço público pleno de vida, manifestações artísticas, discussão dos problemas da população, conflitos urbanos, enfim toda a sorte de acontecimentos eram, - lembremos as incursões sokráticas em meio às pessoas - o dia-a-dia do mercado. (TEIXEIRA, 2002, p. 43).

Ao longo do tempo, o mercado adquiriu um papel importante dentro da dinâmica da cidade, atuando não apenas como uma atividade econômica, mas estando, também, intimamente ligado à vida social das pessoas, funcionando como espaço de distração e divertimento, em simbiose com o comércio. (VARGAS, 2001).

Diante desse entendimento, buscou-se estudar as relações que ocorreram entre Maceió e seu mercado, a fim de entender como aquele espaço se consolidou como local tradicional durante o século XX e perdeu sua relevância diante das transformações da cidade com o passar dos anos. Com este estudo, pretende-se demonstrar que o complexo do Mercado Público da Levada possui lugar na identidade do bairro e na cidade de Maceió/AL, e que o resgate das suas potencialidades possa estimular sua permanência na paisagem urbana. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e visitas *in loco*, a fim de experienciar o contexto atual em que o mercado está inserido.

CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Em Maceió, essa dinâmica entre cidade e seu mercado se deu a partir do desenvolvimento da rota que ligava o porto da Levada ao porto de Jaraguá. Essa ligação acontecia principalmente pela geografia da região, onde através da Lagoa Mundaú chegavam mercadorias do norte do estado que, em seguida eram transportadas passando pelo Centro e chegando ao porto no Jaraguá (ALMEIDA, 2007). Esta rota (figura 1) foi de extrema importância para o crescimento da cidade, as obras de infraestrutura do canal da Levada e a implementação da via férrea, que anos depois determinou a consolidação dessa região como uma área de comércio e mercadoria em Maceió.

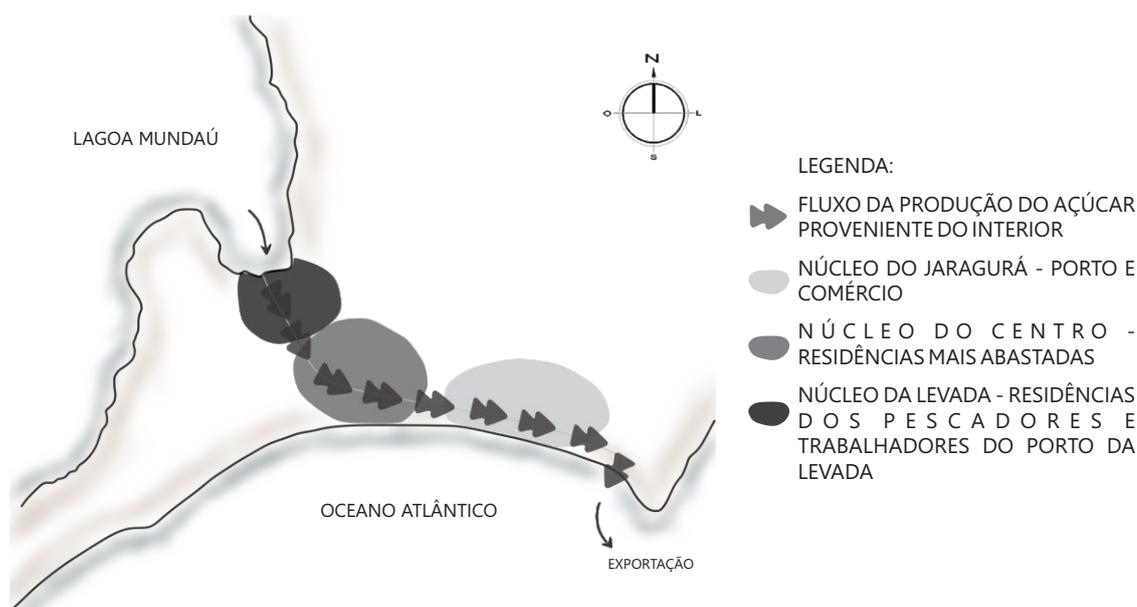


Figura 1: Rota de escoamento da produção.
Fonte: Acervo Iria Almeida, 2007.

Nos primórdios, o bairro da Levada era coberto de mangues, canais e terrenos alagadiços, podendo ser compreendido de duas maneiras distintas: a região mais próxima ao bairro do Centro oferecia mais infraestrutura urbana, sendo importante tanto no âmbito social quanto econômico; já a outra porção do bairro, aquela mais próxima ao canal da Levada, caracterizava-se por abrigar a população mais pobre, que por meio da lagoa e da proximidade ao comércio tinham a oportunidade de obter sua moradia e sustento. Nesse contexto, o bairro sempre esteve relacionado a um local de comercialização de frutas, verduras e carnes e a área próxima à lagoa tornou-se um local provido de identidade, reconhecido pela população.

Com o constante crescimento do comércio no local, foi preciso criar uma estrutura que comportasse o fluxo de mercadorias, feirantes e consumidores. Tem-se registro

que no ano de 1848 foi construído o primeiro Mercado Público de Maceió (figura 2), localizado na antiga Praça Tavares Bastos. Em 1937, foi inaugurado um novo edifício para o Mercado (figura 3), ainda na Levada. Hoje, o mesmo local abriga a Feira de Artesanato. Segundo Almeida (2007), esta nova construção, junto ao Cine Ideal e a Praça Emilio Maya, formava o complexo de entretenimento da época, fortalecendo a importância cultural do bairro para a cidade.

Percebe-se então, o surgimento de um comportamento comum da época, cuja interação das pessoas com os espaços públicos e o bairro evidenciam a construção de uma identidade local. De acordo com Café (2007, p. 36 apud MOREIRA, 1992, p. 73) entende-se esse conceito como “sendo um sentimento de pertença, uma mistura de posse e de identificação face aos diversos elementos que constituem um determinado espaço”.

Figura 2 e 3: 1º e 2º Mercado Público de Maceió, respectivamente.
Fonte: (2) Maceió Antigo. Disponível em: <<https://goo.gl/EzVDvP>>. Acesso em: 13/06/2015.
 (3) Acervo Jair Pimentel. Disponível em: <<https://goo.gl/h50G7l>>. Acesso em: 13/06/2015.

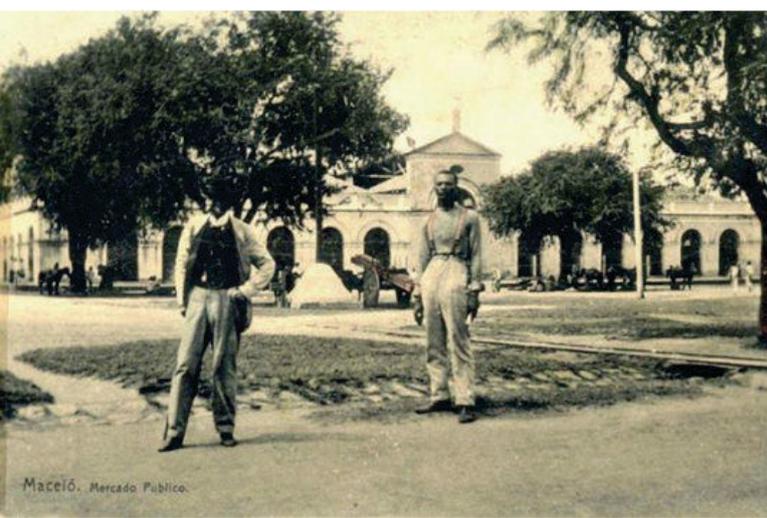


Figura 4: Usuários de drogas na linha do Trem, próximos ao Mercado. **Fonte:** Gazeta Web. Disponível em: <<http://goo.gl/jiFLQp>>. Acesso em: 11/06/2015.



Ao passo que a cidade crescia, o Mercado Público, em contrapartida, não acompanhava essa transformação e diante da demanda, no de 1978 é construído o edifício do então Mercado da Produção, para suprir a falta de emprego, como também o abastecimento de alimentos na cidade.

Atualmente, a situação do complexo do Mercado merece atenção, pois apresenta vários problemas, principalmente, socioeconômicos e espaciais (Figuras 4). A infraestrutura do bairro da Levada não suporta mais essa dinâmica e sofre com vias congestionadas, acessibilidade comprometida pela má conservação das calçadas e ocupação irregular de feirantes, complicações com drenagem urbana, em especial, em épocas de chuva, resíduos sólidos e líquidos sem tratamento adequado, causando mal cheiro e proliferação de vetores, afastando consumidores e prejudicando o local de trabalho dos feirantes.

Logo, percebe-se que a verdadeira problemática da região é a carência de infraestrutura no geral, influenciando diretamente a imagem do lugar para a cidade. Isso se torna evidente, por exemplo, ao se fazer uma busca rápida de informações com pessoas e na mídia, onde encontram-se registros que depreciam o Mercado, narrado como local violento, inóspito e insalubre, promovendo, assim, uma aversão das pessoas. Essa mesma visão é compartilhada pelos próprios trabalhadores da região, muitos afirmam que o Mercado da Produção necessita ser reformado com urgência, pois a situação atual já não é mais convidativa aos consumidores que acabam procurando outros centros para fazer compras.



É nesse cenário que há muitos anos o Mercado Público de Maceió está inserido. Diante disso, é possível afirmar que o Mercado da Produção e seu entorno imediato encontram-se desestruturados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pode-se dizer que, alguns fatores foram cruciais para o processo de transformação desse espaço público da cidade. Em primeiro lugar destaca-se a mudança dos estilos de vida da sociedade contemporânea, é nesse momento que surgem “novas tipologias comerciais que, reunindo uma maior variedade de setores e funções na mesma estrutura, apelam a hábitos de consumo e conforto da população” (LEAL, 2011). Nesse caso, merecem vulto as grandes redes de supermercados e os shoppings centers. No segundo momento, a transferência da Central de Abastecimento do Estado de Alagoas (CEASA/AL) pelo governo, causou impactos na dinâmica dos feirantes que se valiam da proximidade desse local para a

obtenção dos produtos a serem revendidos nas áreas do complexo do Mercado. "A relação de dependência entre os feirantes de hortifrúteis e a CEASA/AL, é clara, pois os mesmos adquirem seus produtos na CEASA/AL, e a transferência desta, implica no aumento do preço de revenda." (ALMEIDA, 2007).

parcela da sociedade, principalmente no âmbito econômico. É de lá que centenas de famílias tiram seu sustento diariamente. Outro aspecto que percebe-se no local é o costume de algumas pessoas frequentarem a feira aos finais de semana, em busca dos alimentos frescos e com valores mais acessíveis. Mesmo com os problemas muitos



Figura 5: Lixo acumulado na região do Mercado da Levada.

Fonte: Extra Alagoas.
Disponível em:
<<http://googl/ot2YxL>>.
Acesso em: 11/06/2015.

Essa transformação dos espaços públicos acontece invariavelmente ao longo dos anos, entendendo os mercados e feiras livres como locais de interações sociais, estes estão suscetíveis a essas modificações diante da dinâmica da cidade. Segundo Almeida, temos que:

A feira, assim como a cidade, é dinâmica. A apropriação do espaço, pelos feirantes, está em contínua transformação. Ela tem o poder de crescer e se retrair, de penetrar em rua, praças e largos. Pode, ainda, transformar sua especialidade de acordo com as novas necessidades da sociedade. (ALMEIDA, 2007, p. 39).

Na Levada, as feiras e o mercado estiveram muito ligados ao processo de formação e ocupação do lugar e, por isso, são fundamentais não só na construção da identidade do bairro, mas também para a identidade da cidade de Maceió. Ainda que precariamente, os consumidores e o mercado resistem na paisagem urbana, demonstrando sua importância para uma

comerciantes continuam a desenvolver suas atividades e, cotidianamente, esse comércio atrai essencialmente os moradores do bairro e adjacências, gerando uma grande movimentação no local, principalmente no período da manhã.

Hoje, pensar no desenvolvimento daquela região requer um olhar mais atento. Para se promover um desenvolvimento sustentável é preciso lançar mão de outros aspectos, como as questões culturais, ambientais e sociais aliados aos fatores econômicos.

Dessa forma, o Mercado da Levada se apresenta como um espaço que vale a pena ser resgatado e tem potencial necessário para isso, devido a sua atividade econômica, sua carga histórica e sua relação intrínseca com a Lagoa Mundaú.

CONCLUSÃO

Sendo assim, é preciso pensar o complexo do Mercado Público da Levada como um lugar de identidade e para assegurá-lo na paisagem urbana é preciso reinterpretá-lo frente ao contexto urbano atual.

Os mercados públicos, formas ainda presentes na paisagem urbana, estão procurando gerar uma imagem de 'tradição' (onde os novos fregueses podem simular um comportamento 'tradicional'). Nesse local, que poderia ser considerado desprovido do conforto moderno oferecido por outros empreendimentos de comércio de alimentos, o ato de comprar e vender os produtos da terra faz com que as pessoas 'se sintam' mais próximas a ela e busquem identificação com o lugar, já que ele permanece naquele sítio há algum tempo. (PINTAUDI, 2006, p. 98).

Portanto, percebe-se o quão ligado estão o Mercado Público e a cidade de Maceió, cujo desenvolvimento aconteceu concomitantemente, e hoje compartilham vários problemas urbanos. Pensar as potencialidades do Mercado é uma tarefa que deve estar na pauta dos gestores públicos e pensadores da cidade, a fim de melhorá-lo e qualificá-lo para as pessoas que o utilizam, promovendo o resgate cultural, social e histórico, através da valorização do espaço público, tornando-o um marco para a cidade de Maceió.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Í. R. C. de. *Um espaço em transformação: a feira livre do mercado da produção*. Maceió: UFAL, 2007.

CAFÉ, D. C. *Patrimônio, Identidade e Memória: Proposta para a criação do museu do território de Alcanena*. 2007. 200 f. Dissertação (Mestrado em Sociomuseologia) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2007. In: Moreira, F. J. *Tourisme, musées et identités locales*. Cadernos do MINOM. Lisboa: 1992.

LEAL, I. S. *A Reinterpretação do Mercado - O caso do Bairro de Padre Cruz*. Lisboa: 2011

APINTAUDI, S. M. *Os Mercados Públicos: Metamorfoses de um Espaço na História Urbana*. Revista Cidades, v. 3, nº 05. Presidente Prudente: 2006.

ROLNIK, R. *O que é cidade*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 2013)

TEIXEIRA, L. E. F. *Espaços Públicos da Orla Marítima do Centro Histórico Florianópolis: O Lugar do Mercado*. Florianópolis: 2002.

VARGAS, H. C. *Espaço terciário: o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio*. São Paulo: SENAC, 2001.

CARLA VALÉRIA LIMA DA SILVA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista da Coordenadoria de Extensão
carlavaléria.arq@gmail.com

FERNANDA BRUNA DOS ANJOS MELO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
fernanda.brunamelo@gmail.com

JULIANA OLIVEIRA DE ALMEIDA CARLOS

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Colab. do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS
julianaalmeidac@outlook.com

MARIA LUISA DE C. VIÉGAS MACHADO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
mlcvmachado@gmail.com

PRISCYLA PORTO CAVALCANTI

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
priscylaportoc@gmail.com

DAS MEMÓRIAS À UTOPIA: UMA BREVE HISTÓRIA DA PRAÇA DA FACULDADE

I. PREFÁCIO

História de um espaço e de seus ocupantes. História percorrida ou contada, exposta em livros, imagens e documentos. A descrição nos leva até onde a explicação técnica se sobrepõe. História que se faz quando o homem encontra o espaço, de modo que as palavras já não bastam, mas anseiam pelo movimento, pelo gesto e tempo. Tempo este que é constituído por momentos entrelaçados pelas memórias acerca do passado, a percepção do presente e a esperança do que virá a ocorrer¹ (Agostinho, 397-398). Penetrar em um espaço, então, é encontrar-se no tempo para que nele possam ser traduzidas as lembranças, entender o presente e abrir as portas para o futuro.

A partir dessa compreensão que se constituiu o objetivo do presente estudo, no qual se questionou acerca da relação entre as pessoas e a Praça Afrânio Jorge (Maceió-AL) ao longo dos anos. Buscou-se descrever, ainda que sumariamente, as mudanças do espaço no tempo e o que estas significam para pessoas que tiveram algum vínculo com o local em sua dinâmica enquanto espaço público. Para isso, teve-se como método a busca por relatos de antigos e atuais frequentadores a partir de visitas e por meio de pesquisa bibliográfica para a caracterização do espaço, na intenção de descobrir como se deu tal apropriação.

Durante o estudo percebeu-se o vínculo, o sentido e os laços tecidos em um espaço, através das pessoas e do passar do tempo.

2. CENÁRIO: MISTURA DOS TEMPOS E EXPECTATIVAS

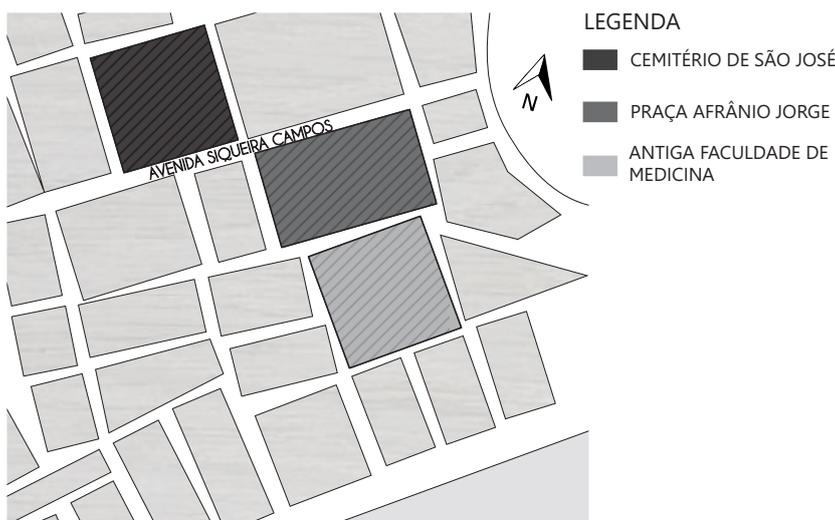
Anteriormente conhecida como “Praça Calabar”, a atual Praça Dr. Afrânio Jorge

que assim se denomina em homenagem ao político e médico alagoano de mesmo nome, é popularmente chamada de Praça da Faculdade (figura 01), nome herdado em consequência da proximidade com a antiga Faculdade de Medicina que a emoldura, um edifício com “traços nítidos do estilo neoclássico” (FAU/UFAL. 2009, p.15) que até a década de 1940 era Quartel do Exército.

Encontra-se no bairro do Prado, onde se localizam dois dos mais antigos cemitérios de Maceió, o Cemitério de Nossa Senhora da Piedade, com seus mausoléus de notável estética funerária, detentores de lendas para o imaginário local e o Cemitério de São José, vulgo “Cemitério do Cajú” - marco de fé católica que abriga a imagem venerada do “Menino Petrócio”, considerado santo pela população maceioense. O Prado ainda acomoda o único necrotério público da cidade. Seus moradores, cuja idade parece transcender a do bairro brincam com a sua característica fúnebre: “Até para morrer, quem mora aqui não dá trabalho” - D. Maria Viana, moradora do Prado há 40 anos (FAU/UFAL. 2009, p.24).

¹Para Agostinho, o tempo presente é o único passível de existência, pois o anterior ou o após seriam somente conceitos abstratos do que aconteceu ou do que irá ocorrer. Esta compreensão de tempo é baseada na atemporalidade de Deus, que é eterno. Mas, se faz necessário ao homem a subsistência e divisão do tempo mediante a finitude humana. Assim, ele fala que existem três tempos em nossa mente: “O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança”.

Figura 1: Recorte do mapa do Bairro do Prado.
Fonte: FAU/UFAL. 2009, p. 22 (Imagem modificada pelo os autores)



Quem cresceu ali carrega na memória o antigo Cinema Colonial, as aulas no Grupo Escolar Dr. José Maria Correia das Neves - escapulidas para um passeio pela Praça Deodoro para um delicioso sorvete na Gut Gut, ou na Rua do Comércio para vislumbrar as vitrines, os filmes nos cinemas Ideal, Lux e São Luís, ou ainda as "peladas" na praia do Sobral e nas ruas sem calçamento, além de muitos outros enredos embutidos na dinâmica pradense. No entanto, a vizinhança da Praça acolhe hoje em dia algo bem diferente do que antes se tinha.

O cenário perdeu seus tantos becos e vilas, que se modernizaram, e o intenso movimento de veículos combina-se com os vários bangalôs edificadas, desde a Praça Afrânio Jorge até o bairro do Trapiche. Na década de 1950, foi construído o chamado "Panteão" (Figura 02), destinado a servir de mausoléu para os restos mortais dos dois

Figura 2: Panteão da Praça Afrânio Jorge em 2013.
Fonte: SEMPLA, 2014



primeiros presidentes da República, porém não foi concretizado. Assim, o marco arquitetônico da Praça, torna-se sinônimo de abandono. São tecidos, então, os primeiros relances de um presente displicente. E ao olhar para trás, vemos traços do local que hoje já não existe. Segundo um morador do bairro (FAU/UFAL, 2009, p.24) "A praça perdeu a sua importância e o abandono é prova disso", acerca da atual situação do local.

O antigo perfil tem se transformado. Ontem, casas e conversas, hoje, lojas e tumulto. Lixo acumulado, iluminação precária, vilipêndio de estruturas, marginalização e insegurança. Os canteiros e bancos destruídos e o verde castigado pela falta de zelo, olhar e reação. Descuido do poder público, usuários indiferentes, costumes perdidos ou crenças transformadas? Quais seriam as possíveis causas? Um entrelace de fatores, talvez.

Foi-se o tempo de intensa movimentação. Seus teimosos frequentadores lembram o passado que lhes ocorre quando a praça era palco de eventos religiosos, festejos juninos e natalinos (figura 03), entre as décadas de 1950 a 1970. Com suas bandeirinhas e folguedos que entoavam melodias do povo que ali celebrava, usufruindo do espaço livre. M. Carvalho (2014), frequentadora da Praça entre 1960 e 1970, em 2014 recorda: "Nas festas de Natal, as famílias iam pra praça, à tarde levavam as crianças, tinha o parque... À noite já iam os adolescentes e os adultos, porque além do parque tinham os folguedos... Pastoril, chegada, guerreiro... E os jovens paquerando, é... As meninas com os cachos de rolete de cana esperando que os meninos que ficavam a espreita pedissem, pra daí começar a paquera."

E as lembranças se misturam com a atual situação, quando as pessoas saudosas, lembrando-se de uma época rica de festejo e diversão, parecem decepcionadas pelo descuido atual.

O vazio da praça as entristece, como nos fins dos períodos natalinos do passado, quando outro vazio retornava para acolher as atividades costumeiras da praça: o local de passear, de sentar, conversar e suspirar. Vendo as ruas movimentadas com as pessoas caminhando pelas calçadas, essas que nos convidavam a adentrar nas casas e nos comércios que ali se encontravam.



Figura 3: Praça durante o período natalino em 1960.
Fonte: SEMPLA, 2014.

“ONTEM, movimentação.. animação.. respeito.. HOJE, abandono.. marginalidade.. descaracterização.” “As tradições folclóricas, comemoradas na Praça ficaram no passado. Hoje só resta a lembrança.” (FAU/UFAL, 2009, p. 20).

Ainda hoje há aqueles que persistem em preservar os velhos costumes, a calma viva nas famílias tradicionais do bairro dá espaço ao medo pela insegurança corrente e a esperança de poder aproveitar ainda dos poucos prazeres da vida, como conversar nas calçadas e jogar dominó na praça ao final da tarde.

A rara arborização resistente na Praça Afrânio Jorge ainda abre espaço para poucos que desejam a prática de esporte, porém o precário estado de infraestrutura e segurança faz com que a comunidade em geral não se sinta segura em usufruir do espaço.

Pequenos parques de diversão ainda são instalados na Praça da Faculdade em alguns períodos do ano, a ocupação presente, no entanto, é pelo tumulto dos bares vizinhos, ou pelo movimento dos carros, que fazem da praça estacionamento. Para a maioria dos cidadãos é incompreensível o atual descaso. Para eles, resta a vaga esperança de um futuro tão próspero, como estavam antes acostumados.

O projeto de restauração existente na Prefeitura de Maceió faz com que não só os usuários da praça criem expectativas, mas também aqueles que um dia viveram momentos de sua história no local e os que hoje se interessam pela revitalização e pela sustentabilidade da cidade.

Segundo o Houaiss (2009, grifo nosso) Utopia significa: “Lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os

indivíduos; qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade; projeto de natureza irrealizável; quimera, fantasia". Analogamente, um futuro, mesmo que ainda nebuloso e distante faz com que o público que já frequentou a Praça anseie pela sua revitalização, na esperança de uma ocupação mais satisfatória a que se presencia hoje e daqui do que se viu antes.

3. EPILOGO

A representação que se tem da Praça da Faculdade advém de suas lembranças, do que é corrente e dos anseios futuros. Nesse caminhar, o estudo do espaço nos mostra a existência de nós indestrutíveis: as pessoas e o lugar onde vivem, as memórias e as representações de situações vividas.

Se a intenção inicial foi descrever as mudanças do espaço no desenrolar do tempo e seu significado para

os frequentadores, a percepção que emergiu é a de que os elementos que incorporam esta relação entre a Praça e seus frequentadores não podem ser separados. Talvez seja no espaço ao nosso redor que a junção entre presente e passado, convergindo a um futuro expectável, possa ser expressa como uma incansável ligação, onde novo e velho se misturam, e onde extremos podem conviver.

A Praça Afrânio Jorge é um espaço público, mas torna-se subjetiva para seus usuários que a percorrem, não só fisicamente mas em memória e esperança, onde o que antes existia e o que resta, a convertem em um ambiente de grande valor para a nossa cidade.

A maior percepção sobre a Praça é que ela não se caracteriza apenas por uma história escrita, ou lida ou através de seus monumentos, mas é um arquivo vivo nas lembranças dos seus antigos e atuais frequentadores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 397-398. Disponível em: <img.cancaonova.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf> Acessado em: 01 agosto 2015.

CARVALHO, M. **Marluce Carvalho: depoimento**, out. 2014. Entrevista concedida aos autores, 2014.

FAU/UFAL. **Dossiê de Referências histórico-culturais da antiga faculdade de Medicina de Alagoas**. Organização: FAU/UFAL, Dezembro 2008/Julho-Setembro 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0**, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO. **Relatório sobre restauração do panteão da praça Afrânio Jorge**. Maceió: Unidade Especial de Preservação Cultural/Diretoria de preservação de Patrimônio Cultural, 2014.

SEMPLA. **Unidade Especial de Preservação Cultural**. Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural, 2014.

CARLA VALÉRIA LIMA DA SILVA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista da Coordenadoria de Extensão
carlavaléria.arq@gmail.com

GABRIELA V. CAVALCANTE PESSÔA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
gvcpeessoa@gmail.com

MARIA LUISA DE C. VIÉGAS MACHADO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
mlcvmachado@gmail.com

VINICIUS GODOY DE MELO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
viniciusgodoy01@gmail.com

PARQUE MUNICIPAL DE MACEIÓ:

A POÉTICA DO ESPAÇO

INTRODUÇÃO

O presente artigo dedica-se a mostrar outra face do Parque Municipal de Maceió, que é comumente visto pela população apenas como uma área de preservação. Para tal, propõe-se expor qualidades, particularidades e aspectos sensitivos de forma subjetiva, descrevendo por meio de textos poéticos as sensações e percepções proporcionadas ao caminhar e experimentar o parque.

Recorreu-se a conceitos de diversos autores que tratam de temas relacionados à ideia de corpo sensível, físico cognitivo, e o espaço na arquitetura, ilustrando como o homem pode experimentar o espaço além da prática visual, tal como que sua sensibilidade pode alavancar pensamentos subjetivos por meio de experiências próprias.

CORPO SENSÍVEL: UM OLHAR PERCEPTIVO

O parque, apesar de simples, é cheio de expressividade e qualidades próprias. A visita foi uma forma de buscar compreender o espaço físico do parque, e ao percorrê-lo, exercitar a apreensão das características sensitivas e subjetivas do mesmo.

Steven Holl (2011) afirma que “uma consciência de nossa existência única e própria no espaço resulta crucial no desenvolvimento de uma consciência da percepção.” Assim, questiona-se se podemos experimentar satisfatoriamente a percepção espacial, já que vivemos em um mundo de espaços construídos, rodeados de objetos físicos (HOLL, 2011), no qual “o consumo torna-se o principal fator das relações e das práticas sociais” (SOUZA, 2011).

Engel (2009) atesta que a percepção vai além da concepção visual, considerando o corpo como ser multifacetado, dotado de capacidades físicas e mentais, e que se relaciona pessoalmente com o lugar. Acerca dos sentidos, Pallasmaa (2005) diz que “[...] uma arquitetura que intensifica a vida deve provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir a nossa imagem de indivíduos com a nossa experiência do mundo”. A experiência sensorial consiste na interação entre meio externo e o organismo, onde em primeiro modo têm-se as sensações e, em seguida, essas informações são conduzidas ao cérebro, estimulando a percepção (GUEDES, 2012).

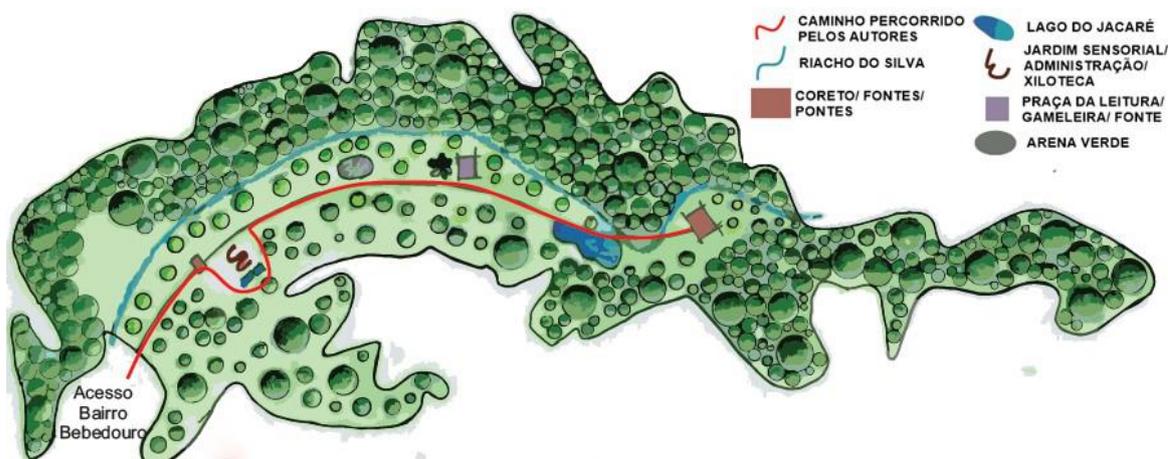


Figura 1: Arte digital: Planta de cobertura vegetal com os pontos do parque.
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.

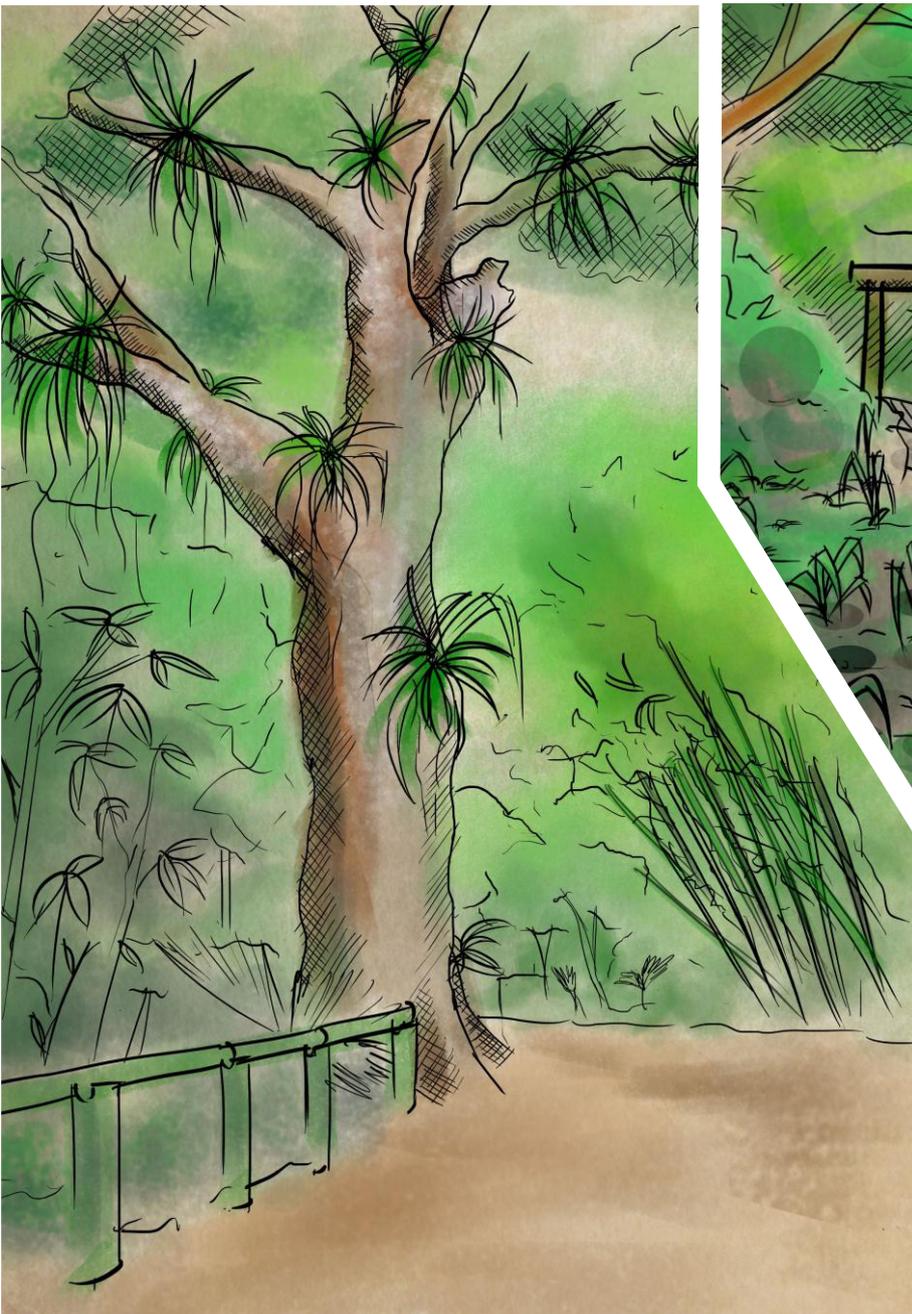


Figura 2 (esq.): Arte digital: Mangueira, Parque Municipal de Maceió.
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.



Figura 3 (dir.): Arte digital: Sombras feitas pelas árvores do Parque Municipal de Maceió.
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.

Por meio desse raciocínio, o parque, sendo uma área natural, pode ser considerado um lugar satisfatório para se desenvolver a experimentação do espaço, estimulando os cinco sentidos. Deste modo, os poemas foram desenvolvidos através dessa experimentação pessoal dos autores no lugar, em que foram atribuídas percepções subjetivas para cada sentido humano.

Observou-se como as particularidades do Parque Municipal, tais como a vegetação nativa, o bambuzal, o riacho, os pássaros, etc., se relacionam para criar a expressividade local manifestada através da visão, do tato, da audição e do olfato.

CON-TATO

Paisagem assim...que te textura.

Os sons que piso traduzem-se em toque, que aveludado me abraça, entre a manhã fresca por onde o vento escorre. A pele encontra caminhos e em elo abarca o entorno.

Tudo me toca, em todos os sentidos. Meus poros feito olhos, fazem da palma da mão uma experiência pulsante. Em um caminho, que de segundo em segundo, não cansa em mudar.

A folha que derrama e pousa entre as sombras traz um vai e vem próprio, em um caule feito de elástico. Sentir ao tocar. Compor um traçado áspero ao percorrer seu feito. Percebe-se seca, e então memória. Tal é a folhagem longa daquela planta no jardim. Que mesmo desconhecida posso beliscar e cheirar um sonho ao esticar seu talhe arrepiado.

Sem esforço, percebo o contato, e não preciso me desviar, é no andar que sinto todos os membros da paisagem inclinados sobre mim.

Tudo me toca, em todos os sentidos.

LUZ E SOMBRA

Contrastes. O que vemos é a dança da luz com as copas estampadas no chão. É uma arte. A arte da natureza.

Tudo ali conversa. E não é uma conversa apenas sonora. Quando a luz ousa ultrapassar o teto verde de folhas e flores, ela parece brincar com o chão de uma forma única, formando um inusitado desenho ao longo dos caminhos que percorro. A medida que me movo faço parte do lugar, minha sombra abraça a luz do chão.

Surpresas. Tudo pode mudar em segundos, o parque se modifica de acordo com o tempo, basta uma nuvem esconder o sol das folhas que o parque entristece, dorme, escurece. O que me conforta nesse momento são as grandes clareiras: Arena Verde, Praça da Leitura, Lago do Jacaré, a entrada e a área das fontes e pontes.

SONORO

Chego na estrada, sol a pino. Embragado de calma faço curvas, sem conhecer o meu destino. Vou adiante, sem medos. Deixo o bosque silente murmurar-me os seus segredos. Caminhando faço quebrarem as folhas. Uso o chão de instrumento. Produzo melodia juntamente com o vento.

O bambu, logo de cara demonstra empolgação. Balança e estala, pedindo atenção. A mata compete, roçando os galhos. O riacho não se envolve, vai a pedra acalantar. O pássaro, faceiro, sobe na árvore e põe-se a cantar.

Sobre mim o céu sorri, penteado pelas árvores. Para minha surpresa, ouço de perto o avião. Distraído pelo som do bosque, não lembrava assim tão próxima estar da civilização.

EM CORES

A paisagem almeja o romper de um novo dia para revelar seu colorido semblante que, enquanto noite, era oculto em sombras, delineado somente pela pálida luz do luar. O contentamento de um dia vindouro se traduz na harmonia tonal do cenário natural.

No azul céu o sol brilha ao alto, refletindo luz aos olhos do apreciador que observa as cores da natureza, exibindo com primazia a verde leveza das folhas que se ajuntam formando frondosas árvores, sustentados por robustos, ou até mesmo delgados caules, matizados de marrom.

De rosa, vermelho ou até laranja, as flores, formosos pontos de cor, se entrelaçam ao verde tão expressivo nos arredores, atentando a vista de quem espreita as minúcias do lugar.

E o rosto alegre que vê na natureza seu contentamento, na claridade de um dia de sol, em um nebuloso tempo, de tristeza, poderia ver sua face refletida nos pálidos tons que a pouca luz dá.

Figura 4: Arte digital. Fonte: da Leitura, Parque Municipal de Maceió
Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.





Figura 5: Arte digital: Jardim sensorial do Parque Municipal de Maceió
 Fonte: Imagem produzida pelo grupo, 2015.

EXALAR

Caso eu não pudesse ver, nem ouvir. Se minhas mãos estivessem presas, os pés calçados, a boca fechada. Caso desconhecesse o caminho, e sozinho estivesse. Ainda assim percorreria.

Os odores atizados pela brisa seriam tão brilhantes quanto mais belo guia.

O cheiro confuso das árvores a crescer, mudas que falam por perfumes únicos.

A terra que alguém molha exala o mesmo da chuva quando cai. Um canto seco, outro abafado, aquele livre, desabrochado, feito a fragrância que eclode das flores salpicadas no caminho.

Pela trilha alguns odores se misturam, embalados chegam até nós. Desconhecendo muito deles, logo penso: Não seriam eles o cheiro do vento?

CONCLUSÃO

A pesquisa proporcionou o conhecimento do Parque Municipal por outro ângulo, compreendendo aspectos subjetivos e sensitivos por meio de visitas ao espaço público. Pôde-se adquirir uma grande sensibilidade, no que se diz respeito ao cuidado, amor e carinho pela natureza e

tudo que ela abrange. Os autores sentiram na pele a complexidade da "selva verde entre selva de pedra" e esta experiência gerou frutos, que não se restringem ao produto final do trabalho, descobrindo outras formas de se apreender o espaço, principalmente o da arquitetura, como Juhani Pallasmaa (2005) garante que "toda experiência comovente com a arquitetura é multissensorial".

REFERÊNCIAS

- GUEDES, Renata M. C. **Os Cinco Sentidos e a Arquitetura: Projeto de uma livraria**. 2012. 64 f. Trabalho de graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 2012.
- ENCEL, Pedro. **Produzindo um corpo sensível. Algumas ideias para (re)pensar a aprendizagem da percepção na formação do arquiteto**, 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.106/67>>. Acesso em: 07 ago. 2015.
- Igor Fracalossi. **"Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura / Steven Holl"** 2012. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>> Acesso em: 07 Ago. 2015.
- SOUZA, Michel A. **A sociedade do consumo e a vida do espírito**, 2011. Disponível em <http://www.ecodebate.com.br/2011/11/01/a-sociedade-do-consumo-e-a-vida-do-espírito-artigo-de-michel-aires-de-souza/> Acesso em: 07 ago. 2015.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da Pele**. 1 ed. São Paulo: Bookman, 2011. 76 p.

RESENHA



THE LONGEST JOURNEY: RESENHA CRÍTICA ARQUITETÔNICA

Como o título sugere, deve-se enfatizar o fato desta resenha possuir um caráter do ponto de vista arquitetônico, pois o objeto de estudo se trata de um videogame e mesmo assim o foco de discussão será a qualidade da ambiência que o jogo promove, suas cidades, seus lugares e, portanto, como aquele espaço virtual cria conexões com o jogador.

A ambiência não precisa estar estritamente ligada a um lugar construído fisicamente, um lugar real. Ela alcança também um teor virtual do espaço. Até memórias de lugares consistem de arquitetura, de sensações que podem ser sempre visitadas virtualmente.

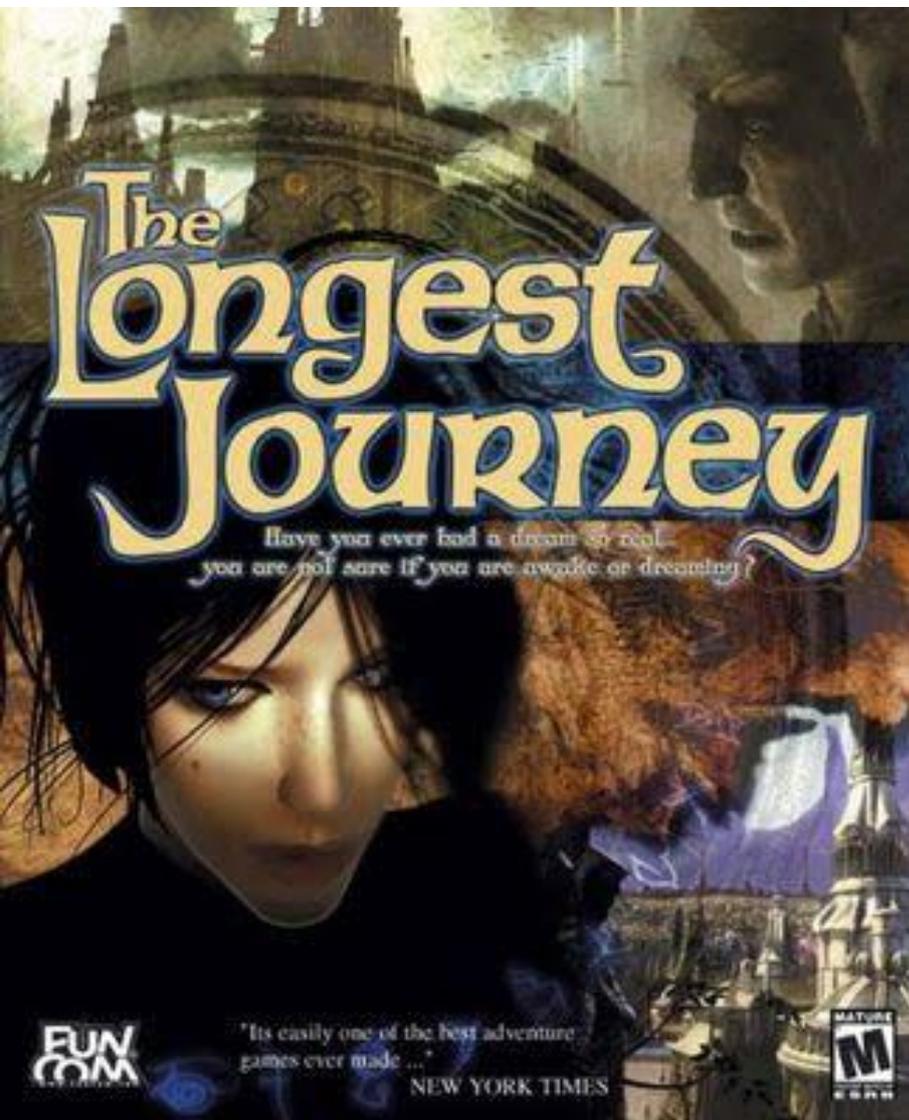
A ambiência (...) funciona como um agente de ligação entre as diversas sensações experimentadas pelos usuários (...) em uma dada situação. (...) É a ambiência que unifica um suporte espacial e o preenche de significados, num processo de retroalimentação que nos permite compreender que não percebemos a ambiência e, sim, percebemos de acordo com ela. (...) Podemos dizer, então, que ela sempre evoca nossa interpretação da vivência. (DUARTE, 2012. p.3)

Então, quando o projeto que estava nos pensamentos ou no papel realmente passa a ser arquitetura? Quando passa a possuir uma ambiência? Se isso acontece quando os usuários passam a viver aquele lugar, criando laços e gerando sensações, então os ambientes dentro de um videogame também podem possuir um caráter arquitetônico. Até de um ponto de vista de representação, cenários dentro dos jogos muito provavelmente, possuem fundamentos na arquitetura da realidade.

O jogo em questão para a resenha é The Longest Journey (Figura 01), título de 1999 para PC, se trata de um point-and-click adventure que conta a história de uma garota que viaja entre dois mundos, o da ciência (Stark) e o da magia (Arcadia).

Nestas viagens, o gamer acaba conhecendo diversos novos lugares que possuem grandes contrastes, desde uma cidade futurística nos Estados Unidos da América (Figura 02), com arranha-céus e carros voadores, até uma cidade no mundo da magia, com traçados orgânicos

Figura 1: Capa do game
The Longest Journey.
Fonte:
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/7/7d/Longest.jpg>



medievais, casas que lembram as vilas medievais de diversos lugares na Europa, mas que ao mesmo tempo não podem remeter especificamente a um estilo, pois também possuem muita influência da fantasia, então surgem as referências e são transformadas. Essa é uma das características do jogo: se basear em arquiteturas reais e transformá-las para a adaptação à fantasia. Isso parece facilitar o jogador a “entrar” naquele universo, pois ele começa a remeter os ambientes vividos no jogo a características que já são conhecidas a si, ou melhor, características que realmente facilitem seu entendimento, por não serem comple-



Figuras 2, 3 e 4: Cenários do game *The Longest Journey*.
Fonte:
<http://www.longestjourney.com/>



tamente abstratas da realidade, mas que ao mesmo não são cópias, e assim lhe passam emoções mais facilmente e inteligivelmente. Isso pode ser analisado nas imagens apresentadas.

Mesmo sem conseguir distinguir especificamente estilos arquitetônicos, fica claro que os desenvolvedores se basearam em, por exemplo, cinemas do início e meados do século XX (Figura 03), feiras medievais

(Figura 04), grandes cidades contemporâneas como Nova York, galerias de arte, a Venice americana, dentre outras referências. Então, percebe-se que uma bagagem de referências arquitetônicas realmente ajudou a dar um ar mais “real” e alcançável/entendível ao jogo. O que na maioria das vezes não era alcançado por outros jogos dessa época (Figura 05), mesmo aqueles que, diferente do videogame analisado nesta resenha,

possuíam total controle tridimensional, o que, a princípio, daria melhor noção de espaço aos jogadores. Porém, seus cenários parecem ser gerados aleatoriamente, sem possuir um apreço pela sua ambiência e construção, o que apenas coloca o jogador dentro de um espaço que lembra um labirinto. Em *The Longest Journey*, essa preocupação em caracterizar os diversos cenários do jogo com ambiências e edifícios baseadas em tipologias existentes, ajuda bastante no senso de orientação do jogador. Mesmo sendo um point-and-click, no qual as cenas são basicamente estáticas em um 2.5D (apesar do cenário parecer 3D, se trata de uma imagem fixa que não permite o orbitar da câmera, mas o personagem possui a habilidade de percorrer o espaço nos três eixos X,Y,Z) o usuário consegue construir um certo senso de direção justamente pelo fato do jogo conseguir criar marcos. Semelhante à experiência de percorrer uma cidade, da qual guardamos marcos em nossa memória para nos posicionarmos no espaço de uma maneira coerente sem nos perder.

O jogo também é capaz de despertar emoções e ligações com seus personagens, afinal tem como objetivo principal contar uma história, como um livro, ou seja, não é apenas um jogo no qual o foco principal é destruir inimigos e ganhar pontos. Por isso que seu espaço virtual gera ambiências que ajudam o jogador a se inserir mais em seu enredo. Apesar das limitações gráficas da época, existe realmente uma valorização dos ambientes e da arquitetura virtual no jogo. Talvez nem exista tanta exuberância formal e emocional nos ambientes do jogo, mas existe o espírito de fazer ambiência virtual convincente. Cada cenário é capaz, em conjunto com seus personagens, de contar histórias e de cativar as pessoas para que entrem mais facilmente na atmosfera do game. Isso ainda melhora em suas sequências que usufruem de tecnologia mais avançada: *Dreamfall* (2006) e *Dreamfall: Chapters* (2014).

Assim, *The Longest Journey* pode não ser um referencial de representação arquitetônica ou de projeto virtual. Porém mostra que a arquitetura e até o urbanismo podem ser acessados por diferentes mídias das que estamos acostumados, contribuindo para a criação de espaços, mesmo que virtuais, e que passam emoções aos usuários. O jogo consegue usufruir dessa capacidade que a arquitetura oferece, de olhar e construir o ambiente, preocupando-se com a experiência dos usuários, de certa forma, prevendo suas sensações, mesmo que sem todos os sentidos ativados.

REFERÊNCIAS

DUARTE, C. R. **Novos olhares sobre o lugar: ferramentas e metodologias, da arquitetura à antropologia.** Ed. Contra Capa. Rio de Janeiro, 2008.

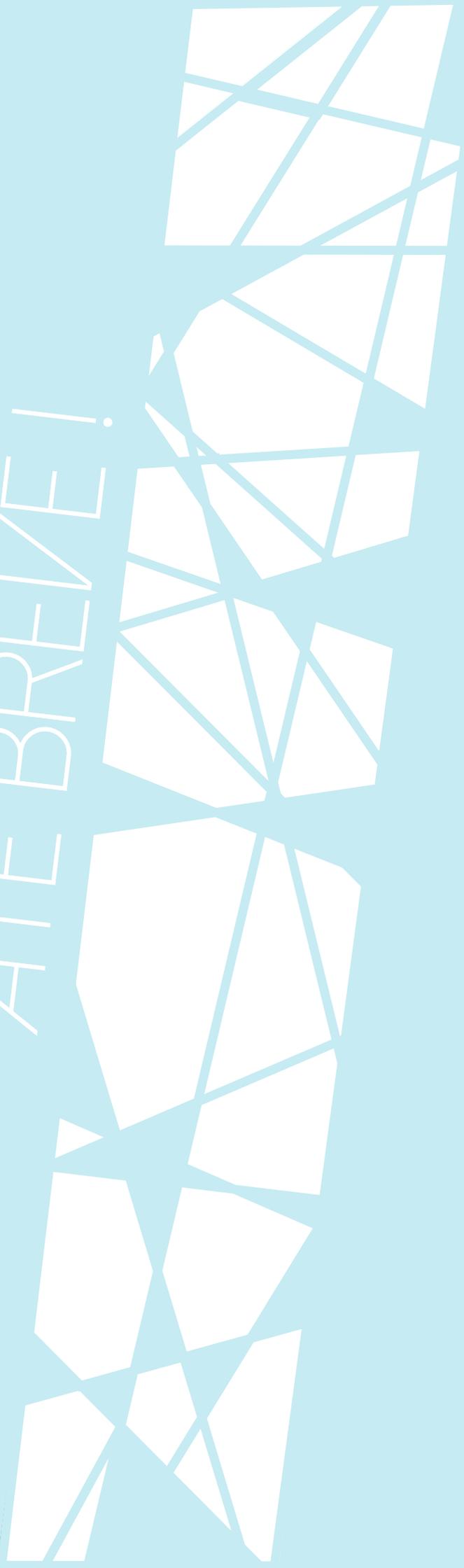
<http://www.longestjourney.com/>
acesso em 07/08/2015.

Figura 5: Game Quake III (1999).

Fonte:
http://www.geek.com/wp-content/uploads/2009/02/quake_tenebrae_08-590x442.jpg



ATTÈ BREVE!



“HABITAR É DEIXAR RASTROS...”

WALTER BENJAMIM

REALIZAÇÃO:

